

## Referências bibliográficas

- AINSWORTH-VAUGHN, Nancy (1997) “Negotiation genre and power: questions in medical discourse”. In: *Text and Talk in Professional Contexts*. Edited by Britt-Louise Gunnarsson, Pet Linell e Bengt Nordberg. New York: Longman (p. 149-166).
- (2001) The Discourse of Medical Encounters. In: *The Handbook of Discourse Analysis*. Schiffrin., D., Tannen, D. & Hamilton, H. E. (eds.). Blackwell Publishers.
- AMADO, Janaína & MORAES FERREIRA, Marieta (2002) (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- ARMINEN, I. (2000) On the context sensitivity of institutional interaction. *Discourse & Society*, vol.11 (4): 435-458.
- ATKINSON, Paul (1999) Medical discourse, evidentiality and the construction of professional responsibility. In: *Talk, Work and Institutional Order*. NY: Mouton de Gruyter.
- ATKINSON, J. Maxwell & HERITAGE, John (1984) Transcript notation. IN: *Structures of social action. Studies in conversation analysis*. Cambridge, Cambridge University Press, p.ix-xvi.
- AUGRAS, Monique (2002) *O ser da compreensão. Fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes.
- BADINTER, E. (1986) *Um é o outro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BALINT, M. (1964) *O médico, seu paciente e a doença* (trad. Roberto Musachio). Rio de Janeiro: Atheneu.
- BASILIO, Margarida (1987) *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.
- BASTOS, Othon (1993) Diagnóstico em Psiquiatria. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 42 (1): 51-53.
- BASTOS, L.C. & PEREIRA, M. das G.D. (2002) Afeto, poder e solidariedade em encontros de serviço em uma empresa brasileira. *Palavra* (8): 169-208.
- BATESON, G. (1972) A theory of play and fantasy. In: *Steps to an ecology of mind*. N.Y.: Ballantine Books.
- BAUMAN, Zygmunt (1999) *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Zahar.

- BECK, U.; GUIDDENS, A.; LASH, S. (1997) *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (trad. Magda Lopes). São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- BERCHERIE, Paul. (1989) *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BERGERET, Jean (1988) *Personalidade normal e patológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BEZERRA Jr., Benilton (1992) Da verdade à solidariedade: a psicose e os psicóticos. In: BEZERRA Jr., Benilton e AMARANTE, Paulo (orgs.) *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. p. 31-37.
- (1992) Cidadania e loucura: um paradoxo. In: BEZERRA Jr., Benilton e AMARANTE, Paulo (orgs.) *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. p. 113-126.
- (1994) Descentramento do sujeito – versões da revolução copernicana de Freud. In: *Redescrições da psicanálise: ensaios pragmáticos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- (1997) Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em saúde mental. In: *Cidadania e Loucura: políticas de saúde mental no Brasil*. TUNDIS, Silverio A. & COSTA, Nilson R. (org.) Petrópolis: Vozes.
- (1999) Narratividade e construção da experiência subjetiva. In: *Psicanálise e Universidade*. Temas Conexos. Belo Horizonte: Passos Editora.
- BIRMAN, Joel (1978) *A Psiquiatria como discurso da moralidade*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- BIRMAN, Joel & SERRA, Antonio (1988) *Os descaminhos da subjetividade: um estudo da instituição psiquiátrica no Brasil*. Niterói: Editora Universitária/EDUFF.
- (1991) Interpretação e representação na saúde coletiva. *Physis. Revista de Saúde Coletiva*, 1 (2): 7-22.
- BLEULER, E. (1985) *Psiquiatria* (trad. Eva Nick) Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- BOURDIEU, Pierre (1996) *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Edusp.
- (2004) *O poder simbólico*. 7ª. Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

- (2004) Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, E. (org.) *Erving Goffman. O desbravador do cotidiano*. Porto Alegre: Tomo Editorial.
- BROCKMEIER, Jens e CARBAUGH, Donal (2001) (orgs.) *Narrative and Identity Studies in Autobiography, Self and Culture*. Amsterdam, John Benjamins.
- BROWN, G. & YULE, G. (1983) *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. (1987) *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BRUNER, J. & WEISSER, Susan (1995) A invenção do ser: autobiografia e suas formas. In: Olson, D. & Torrance, D. *Cultura, escrita e oralidade*. São Paulo: Ática.
- BRUNER, J. (1997) *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- BUTTNY, Richard (1996) Client's and therapist joint construction of the client's problem. *Research on Language and Social Interaction*. 29 (2): 125-153.
- CAFFI, Claudia & JANNEY, Richard (1994) Toward a pragmatics of emotive communication. *Journal of Pragmatics* 22: 325-373.
- CANDLIN, Christopher N. & CANDLIN, Sally (2002) Discourse, Expertise and the management of Risk in Health Care Settings. *Research on Language and Social Interaction*, 35 (2): 115-137.
- CASTELLS, Manuel (1999) *O poder da identidade* (trad. Klauss B. Gerhardt) São Paulo: Paz e Terra.
- CAVALCANTI, M.T. & SANTOS, C.B. (1997) Pode um psiquiatra deixar de ser psicanalista? In: *Cadernos IPUB*, no. 5.
- CICOUREL, Aaron (1992) "The interpenetration of communicative contexts: examples from medical encounters". In: In: Duranti, A. & Goodwin, C. (orgs.) *Rethinking context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge, p. 291-311.
- CLARK, J.A. & MISHLER, E. (2001) Prestando atenção às histórias dos pacientes: o reenquadre da tarefa clínica. In: *Narrativa, Identidade e Clínica*. Ribeiro, B.T.; Costa Lima, C. & Lopes Dantas, M.T.(orgs.) Rio de Janeiro. Edições IPUB/CUCA.
- Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10. *Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. (trad. e prefácio de Dorgival Caetano). Porto Alegre. Organização Mundial de Saúde.

- COATES, Jennifer (1996) *Women talk: conversation between women friends*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- CORBISIER, Claudia (1992) A escuta da diferença em emergência psiquiátrica. In: BEZERRA Jr. & AMARANTE, Paulo (orgs.) *Psiquiatria sem hospício: contribuições ao estudo da reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. p. 9-15.
- COSTA, Jurandir F. (1989) *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Xenon.
- (1994) *Redescrições da psicanálise: ensaios pragmáticos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- COULON, Alain (1995) *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes.
- Crerios Diagnósticos do DSM-IV (1995): referêcia rápida. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CROWCROFT, A. (1971) *O psicótico* (trad. Marcelo Corção) Rio de Janeiro: Zahar.
- DALGALARRONDO, P. (2000) *Psicopatologia e Semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- DA MATTA, Roberto (1978) O ofício do etnólogo ou como ter ‘Antropological Blues’. In: NUNES, Edson de O . (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de janeiro: Zahar Editores.
- DAVIS, Kathy (1988) *Power under the microscope*. Dordrecht: Foris.
- DERRIDÁ, J. (1971) *A escritura e a diferença* (trad. Maria Beatriz M. N. da Silva). São Paulo: Editora Perspectiva.
- DILLON, J.T. (1990) Clinic questioning: medicine. In: DILLON, J. T. *The practice of questioning*. N.Y. Routledge. p. 54-65.
- DORON, R. & PAROT, F. (1978) *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: ABDR.
- DREW, P. & HERITAGE (1992). (eds.) *Talk at work*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DURANTI, Alessandro (1992) “Language in context and language as context: the Samoan respect vocabulary”. In: Duranti, A . & Goodwin, C. (orgs.) *Rethinking context. Language as na interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge.
- EDELSKY, Carole (1993) Who’s got the floor? In: Tannen, D. (org.) *Gender and Conversational Interaction*. New York: Oxford Univ. Press.

- EDLEY, Nigel & WETHERELL, Margareth (1997) Jockeying for position: the construction of masculine identities. *Discourse and Society*, 8 (2): 203-217.
- ERICKSON, F. & SCHULTZ, J. (1977) When is a context? *ICHD Newsletter*, 1 (2): 5-10.
- ERICKSON, F. & SCHULTZ, J. (1982) *The counselor as gatekeeper: social and cultural organization of communication in counseling interviews*. New York: Academic Press.
- ERICKSON, F. (1992) "Ethnographic Microanalysis of Interaction". In: *The Handbook of Qualitative Research in Education*. Edited by LeCompte, Margarete D. e outros. Academic Press, Inc.
- (1996) Going for the zone: the social and cognitive ecology of teacher-student interaction in classroom conversations. In: HICKS, D. (ed.) *Discourse, learning and schooling*. New York: Cambridge University Press.
- ERICKSON, F. & SCHULTZ, J. (1998) "O 'quando' de um contexto. Questões e métodos na análise da competência social". In: *Sociolinguística Interacional. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Ribeiro, Branca.T & Garcez, Pedro M. (orgs) Porto Alegre: Editora AGE.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. (1978) *Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- FERRARA, Kathleen W. (1994) *Therapeutic Ways With Words*. NY: Oxford University Press.
- FLEISCHMAN, Suzanne (2001) Language and Medicine. In: *The handbook of discourse analysis*. Edited by D. Schiffrin, D. Tannen e H. E. Hamilton. Blackwell Publishers.
- FOUCAULT, M. (1972) *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes.
- (1998) *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- (2000) *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- (2001) *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola.
- GABBARD, G.O. (1998) *Psiquiatria psicodinâmica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- GEERTZ, C. (1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- (1997) *O saber local*. Petrópolis: Vozes.

- GIDDENS, Anthony (1991) *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- (1997) *A modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Ulrich Beck, Anthony Giddens, Schott Lash (Trad. Magda Lopes). São Paulo: Editora da UNESP.
- (1998) *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo* (Trad. Cibele S. Rizek) São Paulo: Editora da UNESP.
- e PIERSON, Christopher (2000) *Conversas com A. Giddens. O sentido da modernidade*. Rio de Janeiro: FGV.
- GOFFMAN, E. (1974) *Frame analysis: An essay of the organization of experience*. New York: Maple Press.
- (1975) *Representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- (1980) A elaboração da face. In: Figueira, S.A. (org) *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- (1981) *Footing. Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- (1988) *Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- (1998) “A situação negligenciada”. In: *Sociolinguística Interacional. Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. RIBEIRO, B. T. & GARCEZ, Pedro M. (orgs.) Porto Alegre: Editora AGE.
- GOLDER, Eva-Marie (2000) *Clínica da primeira entrevista* (trad. Procópio Abreu). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GOOD, B.J. (1994) *Medicine, Rationality and Experience*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GOODWIN, C. & GOODWIN, M.H. (1992) “Assessments and the construction of context”. In: DURANTI, A. & GOODWIN, C. (orgs.) *Rethinking context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge.
- GOODWIN, Marjorie H. (2001) Participation. In: *Key terms in Language and Culture*. Edited by Alessandro Duranti. Blackwell Publishers Inc.
- (2002) *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- GOODWIN, Charles & DURANTI, Alessandro. *Rethinking context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

- GOODWIN, Marjorie H. (2001) Participation. In: *Key Terms in Language and Culture*. Edited by Alessandro Duranti. Blackwell Publishers Inc.
- GOODWIN, F.K. & JAMISON, K.R (1990) *Manic depressive illness*. OUP.
- GROSSEN, M. & ORVIG, S.A. (1998) Entrevistas clínicas vistas como interações verbais: uma perspectiva multidisciplinar. *Pragmatics* 8 (2), 149-154.
- GUMPERZ, J. & HYMES, Dell (1972) (eds.) *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. N.Y.: Rinehart and Winston.
- (1982) *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1992) Interviewing in intercultural situations. In: DREW, P. & HERITAGE, J. (eds.) *Talk at work*. Interaction on institutional settings. Cambridge: Cambridge University Press.
- HABERMAS, J. (1989) *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro.
- HAK, Tony & de Boer, Fijdje (1995) Professional Interpretation of Patient's Talk in the Initial Interview. In: *Therapeutic and Everyday Discourse as Behavior Change. Towards a Micro-analysis in Psychotherapy Process Research*. Edited by Jurg Siegfried. Ablex Publishing Corporation. Norwood. Ney Jersey.
- (1996) Formulations in first encounters. *Journal of Pragmatics*, 25: 83-99.
- HERZLICH, Claudine (1991) "A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença". *Physis – Revista de Saúde Coletiva*.1 (2): 23-36.
- HIME, Thiago A.P. (2002) Estilo conversacional na terapia de família. *Dissertação de Mestrado*. Departamento de Letras. PUC-Rio.
- HOLMES, J.; STUBBE, M. e VINE, B. (1999) Constructing professional identity: doing power in policy units. In: *Talk, Work and Institutional Order. Discourse in Medical, Mediation and Management Settings*. Edited by Srikant Sarangi e Celia Roberts. Mouton de Gruyter. N.Y.
- HYMES, Dell (1972) Models of the interaction of language and social life. In: GUMPERZ, John J. & HYMES, Dell (eds.) *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. NY: Rinehart and Winston, p. 35-71.
- IRVINE, Judith (1982) Language and Affect: some cross-cultural issues. In: BYRNES, Heidi (ed.) *Contemporary Perceptions of language, Interdisciplinary Dimensions*. Washington : Georgetown University Press.

- JACCARD, R. (1979) *A loucura* (trad. W. Dutra) Rio de Janeiro: Zahar.
- JACOBY, Sally e OCHS, Elinor (1995) Co-Construction: An Introduction. *Research on Language and Social Interaction*. Vol. 28, nº. 3. p. 171-183.
- JAPIASSU, Hilton & MARCONDES, Danilo (1991) *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: J. Zahar 1991.
- JASPERS, K. (1973) *Psicopatologia geral*. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu S/A.
- JOHNSTONE, B. (1993) Community and contest: midwestern men and women creating their worlds in conversational storytelling. In: TANNEN, D. (ed.) *Gender and conversational interaction*. Oxford: Oxford University Press.
- JOVCHELOVITCH, S. & GUARESCHI, P. (1998) (orgs.) *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- JOVCHELOVITCH, Sandra (2000) *Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.
- KAPLAN, H.I. & SADOCK, B.J. (1990) *Compêndio de Psiquiatria*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- KEENAN, E. & SCHIEFFELIN, B.B. (1976) Topic as a discourse notion. In: *Subject and Topic*. Ed. C.N. Li. New York: Academic Press, p. 335-84.
- KENDON, Adam (1990) "Spatial organization in social encounters: the F-formation system". In: *Conducting Interaction. Patterns of behavior in focused encounters*. Cambridge: Cambridge University Press.
- (1992) "The negotiation of context in face-to-face interaction". In: Duranti, A & Goodwin, C. (orgs.) (1992) *Rethinking context. Language as an interactive phenomenon*. Cambridge: Cambridge.
- KIMMEL, Michael S. (1998) A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos* (9): 103-117.
- KNOBEL, M. & Saidemberg, S. (orgs) (1983) *Psiquiatria e saúde mental*. São Paulo: Autores Associados.
- KRAEPELIN, E. (1921) *Manic depressive insanity and paranoia*. New York: Arno Press.
- LABOV, W. & WALETSKY, J. (1967) "Narrative analysis: oral versions of personal experience". In: HELM, J. (eds) *Essays on the verbal and visual arts*. Seattle, University of Washington.
- LABOV, W. (1972) The Transformation of Experience in Narrative Syntax. In *Language in the Inner City*. Philadelphia: University of Philadelphia Press.
- LABOV, W. & Fanshel, D. (1977) *Therapeutic Discourse*. NY: Academic Press.

- LAINING, R.D. (1982) *O eu dividido: estudo existencial da sanidade e da loucura*. Petrópolis: Vozes.
- LAPLANTINE, François (1991) *Antropologia da doença*. São Paulo: Martins Fontes.
- LINDE, Charlotte (1997) Evaluation as linguistic structure and social practice. In: GUNNARSSON, Britt-Louise; LINELL, Per and NORDBERG, Bengt (eds.) *The construction of professional discourse*. London: Longman, p. 151-172.
- (1993) *Life Stories: The Creation of Coherence*. N. Y.: Oxford University Press.
- LOPES DANTAS, M.T. (2002) Identidade e Discurso: análise de narrativas de uma paciente psiquiátrica. *Palavra* (8): 142-154.
- LOURO, Guacira L. (1999) *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- LOUZÃ NETO & outros (1995) *Psiquiatria básica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- LÜDKE, Menga & ANDRÉ, Marli (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EDU.
- MACKINNON, R. & YUDOFKY, S. (1988) A avaliação psiquiátrica na prática clínica (trad. Maria Cristina R. Goulart). Porto Alegre: Artes Médicas.
- MÄKITALO, Ä. & SÄLJÖ, Roger (2002) Talk in institutional context and institutional context in talk: categories as situated practices. *Text* 22 (1): 57-82.
- MALINOWSKI, B. (1976) *Argonautas do pacífico ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné – Melanésia*. São Paulo: Editora Abril.
- MANNONI, M. (1981) *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda.
- MARCUSCHI, L.A. (1986) *Análise da conversação*. Rio de Janeiro: Ática.
- (1998) Atividades de compreensão na interação verbal. In: Pretti, D. (org.) *Variações e confrontos*. São Paulo: FFLCH/USP.
- MATHEUS, Ângela A. (2002) Estruturas de participação em reuniões empresariais realizadas entre um cliente da categoria shopping center e uma empresa prestadora de serviços na área de publicidade. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. *Dissertação de Mestrado*.

- MELLINGER, Wayne M. (1995) Talk, Power and Professionals Partial Repeats as Challenges in the Psychiatric Interview. In: *Therapeutic and Everyday Discourse as Behavior Change. Towards a Micro-analysis in Psychotherapy Process Research*. Edited by Jurg Siegfried. Ablex Publishing Corporation. Norwood. Ney Jersey.
- MENDELS, Joseph (1972) *Conceitos de depressão*. Rio de janeiro: Livros Técnicos e Científicos Ltda.
- MENDLOWICZ, Mauro e outros (1998) Como identificar o transtorno bipolar II dentre os transtornos do humor e da personalidade implicações terapêuticas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 47 (1): 39-45.
- MISHLER, E.G. (1984) *The discourse of medicine: dialectics of medical interviews*. Norwood, N.J.: Ablex.
- (1986) *Research Interviewing: context and narrative*. Cambridge: Harvard University Press.
- (1992) Work, Identity and Narrative: an artist-craftsman's story. In ROSENWALD, G.C.& OCHBERG, R.L. (eds.) *Storied Lives: the cultural politics of self-understanding*. NY: Yale University Press.
- (1995) Narrative Accounts in Clinical and Research Interviews. In: GUNNARRSON, B.L; LINELL, P. & NORDBERG, B. (eds.) *The Construction of Professional Discourse*. London: Longman.
- (1997) The interactional construction of narratives in medical and life-story interviews. In: GUNNARSSON, Britt-Louise; LINELL, Per and NORDBERG, Bengt (eds.) *The construction of professional discourse*. London: Longman, p. 223-244.
- (1999) *Storylines, Craftartist's Narratives of Identity*. Cambridge: Harvard University Press.
- (2002) Narrativa e Identidade: a mão dupla do tempo. In MOITA LOPES, Luiz P. & BASTOS, L. C. *Identidades. Recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, p. 97-119.
- MOITA LOPES, L.P. (1994) Pesquisa Interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução, *DELTA*, 10 (2): 329-338.
- (2001) Práticas narrativas como espaço de construção de identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, B.T; COSTA LIMA, C. & LOPES DANTAS, M.T. *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA. p. 55-71.
- (2002) *Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras.

- & BASTOS, L.C. (2002) (orgs.) *Identidades: recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: São Paulo: Mercado das Letras.
- MOSCOVICI, S. (1978) *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- NOLASCO, Sócrates (2000) De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. *Tese de Doutorado*. 2vols.
- NOVACK, D.H. (1981) Psychological aspects of illness. *Southern Medical Journal*. n.º. 74, p. 1376-381.
- OCHS, Elinor (1993) Constructing Social identity. A Language Socialization perspective. *Research on Language Social Interaction*, 26 (3): 287-306.
- & CAPPS, Lisa (1997) Narrative authenticity. *Journal of Narrative and Life Story*, 7 (1-4); 83-89.
- OLIVEIRA, Maria do C.L. (1995) Manda quem pode. Ou quem tem juízo. Um estudo de diretivos no discurso empresarial brasileiro. *Flores Verbais*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 73-86.
- PERÄLYLÄ, A. & VEHVILÄINEN, S. (2003) Conversation analysis and the professional stocks of interacional knowledge. *Discourse & Society*, 14 (6), 727-750.
- PEREIRA, Maria das Graças D. (org.) (2002) *Palavra*. Departamento de Letras. Rio de Janeiro: Editora Trarepa.
- e BASTOS, L.C. (2002) Afeto, poder e solidariedade em encontros de serviço em uma empresa brasileira. *Palavra* (8). Departamento de Letras. Rio de Janeiro: Editora Trarepa, p. 169-208.
- (2004) Constructing identities and searching for partnerships in a meeting of Portuguese and Brazilian businessmen. In: GOUVEIA, Carlos; SILVESTRE, Carminda e AZUAGA, Luíza (eds.) *Discourse, Communication and the Enterprise: Linguistic Perspectives*. Lisboa: ULICES – University of Lisbon Center English Studies, p. 169-194.
- (2005) “Comunidade de fala ou comunidade de prática? Questões lingüísticas, socioculturais e interacionais”. *IV Congresso Internacional da ABRALIN*.
- PEREIRA, T.C. (1997) A construção do enquadre de direcionamento na interação entre terapeuta e paciente: estudo dos atos de fala do discurso terapêutico. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Departamento de Letras. *Dissertação de Mestrado*.

- PEREIRA DE SÁ, Celso (1995) Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary J. P. (org.) *O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense.
- PHILIPS, S. (1972) Participant structures and communication competence. In: CAZDEN, V. J. & D. H. (orgs.) *Functions of language in the classroom*. N.Y., p. 70-94.
- PINTO, D. de S. (2000) A construção da referência no discurso de uma paciente psiquiátrica: análise lingüística para distúrbios de pensamento, fala e comunicação. Instituto de Psiquiatria da UFRJ, *Tese de Doutorado*.
- PINTO, D. de S.; RIBEIRO, B.T. & LOPES DANTAS, M.T. (2005) 'Let the heart speak out' – Interviewing practices by psychiatrists from two different traditions. In: PERÄKYLÄ, A. e outros. *Communications and Medicine – special edition. Professional Theories and Institutional Interaction*. V. 2, Issue 2.
- PORTELLI, Alessandro (2002) O massacre de Civitella Val Di Chiana. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta (2002) (orgs.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- PORTELLA NUNES & outros (2001) *Psiquiatria e Saúde Mental. Conceitos Clínicos e Terapêuticos Fundamentais*. São Paulo: Atheneu.
- PORTER, R. (1990) *Uma história social da loucura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- QUENTAL, L. (1991) Alinhamentos e estrutura de participação em uma entrevista terapêutica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 20: 91-111, jan./jun.
- RIBEIRO, B.T. (1991) Papéis e alinhamentos no discurso psicótico. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 20: 113-138, jan./jun.
- (1994) *Coherence in Psychotic Discourse*. N. Y.: Oxford Press.
- & outras (1995) Quatro interpretações de uma narrativa. *Palavra* (3), 43-77.
- (1996) Conflit talk in a psychiatric discharge interview: struggling between personal and official footings. In: COULTHARD, C.R. Caldas and COULTHARD, M. (eds.) *Texts and practices: readings in critical discourse analysis*. London: Routledge.
- (1997) Análise de Enquadres em uma Entrevista psiquiátrica. In: *Cadernos IPUB*, n. 5, Instituto de Psiquiatria da UFRJ.
- & GARCEZ, P. (1998) *Sociolingüística Interacional*. Porto Alegre: AGE.

- & PINTO, D. (2000) Análise do Discurso e Psiquiatria: Processos de Contextualização e Comunicação. In: *Práticas Discursivas: instituição, tradução e literatura*. UFRJ/Letras.
- (2001) Por que ouvir estórias na entrevista psiquiátrica? De quem e do que estamos falando. In: Ribeiro, B.T; Costa Lima, C. & Lopes Dantas, M.T. *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA. P. 73-92.
- & HOYLE, Susan M. (2002) Frame Analysis. *Palavra* 8, 36-53.
- , B. T. & PEREIRA, M.G.D. (2002) A noção de contexto na análise do discurso. *Veredas* v. 6, n.2, p. 49-68, jul./dez.
- RIBEIRO, Manuela (1995) Histórias de vida e pesquisa sociológica: reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 44:125-141.
- RICOUER, Paul (1997) *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus.
- SAID, E. (1978) *Orientalism*. Harmonds Worth: Peguin.
- SARANGI, S. & SLEMBROUCK, S. (1996) The Pragmatics of Information Exchange in Bureaucratic Discourse. In: *Language, Bureaucracy and Social Control*. Longman-Addison Wesley.
- SARANGI, S. & ROBERTS, C. (1999) The dynamics of interactional and institutional orders in work-related settings. In: *Talk, Work and Institutional Order. Discourse in Medical, Mediation and Management Settings*. Edited by Srikant Sarangi e Celia Roberts. Mouton de Gruyter. N.Y.
- SAVILLE-TROIKE, M. (1998) *The Ethnography of Communication. An Introduction*. Blackwell. Oxford.
- SCHEGLOFF, E.A . & SACKS, H. (1973) Opening up closings. *Semiotica* (4): 283-327.
- SCHEGLOFF, E.A . (1982) Discourse as na interactional achievement: some uses of ‘u h huh’ and other things that come between sentences. *Analysing discourse: text and talk*. Georgetown University Round Table on Language and linguistics. Ed. TANNEN, Deborah. Washington D. C.: Georgetown Universtity Press, p. 71-93.
- SCHIFFRIN, D. (1980) Meta-talk: organizational and evaluative brackets in discourse. In: ZIMMERMAN, D. & WEST, C. (eds.) *Language and social interaction*.
- (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge Universtity Press.
- (1990) The principle of intersubjective in communication and conversation. *Semiotica*, 80 (1/2): 121-151.

- (1993) “Speaking for Another” in sociolinguistic interviews: Alignments, identities and frames. In: TANNEN, D. (ed.) *Framing in Discourse*. New York/Oxford: Oxford University Press, p. 231-263.
- (1994) *Approaches to discourse*. Cambridge: Blackwell.
- (1996) Narrative as Self-portrait: sociolinguistic constructions of identity. In: *Language in Society*, 25, 167-203.
- SCHULTZ, J.; FLORIO, S. & ERICKSON, F. (1982) Where’s the floor? Aspects of the cultural organization of social relationship in communication at home and in school. In: *Children in and out of school*. Ed. By Perry Gilmore e Allan A. S.. DC: Center for Applied Linguistics.
- SERPA Jr., Octavio D. (1997) *Psiquiatria, História e História da Psiquiatria*. Texto apresentado na *IV Jornada de Psiquiatria do Estado do Rio de Janeiro*. Interdisciplinaridade em Psiquiatria, p. 218-223.
- SHI-XU (2000) Opinion discourse: investigating the paradoxical nature of the text and talk of opinions. *Research on Language and Social Interaction*, 33 (3), 263-289.
- SHUY, Roger W. (1983) Three types of interference to an effective exchange of information in the medical interview. In: *Social Organization Of Doctor-Patient Communication*. Eds. Sue Fisher and Alexandra D. Todd. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics.
- SIGNORINI, Inés (org.) (1998) *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras.
- SILVA, Tomaz T. da; HALL, Stuart & WOODWARD, K. (2000) *Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes.
- SILVA, Vagner Gonçalves da (2000) *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras*. São Paulo: EDUSP.
- SILVA FILHO, J.F. (1991) O diagnóstico e a clínica psiquiátrica. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 40 (1): 27-29.
- (1997) A Semiologia, seu saber e a Psiquiatria. In: *Cadernos IPUB* n.º. 5. Instituto de Psiquiatria da UFRJ.
- SILVEIRA, Sonia B. (1998) Gerenciamento de tópico e trabalhos de face em entrevistas de emprego. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. *Tese de Doutorado*.
- SILVERMAN, D. (1987) *Communication and Medical Practice*. London: Sage.
- SINDER, V. (2002) *Configurações da narrativa*. Madrid: Iberoamericana.

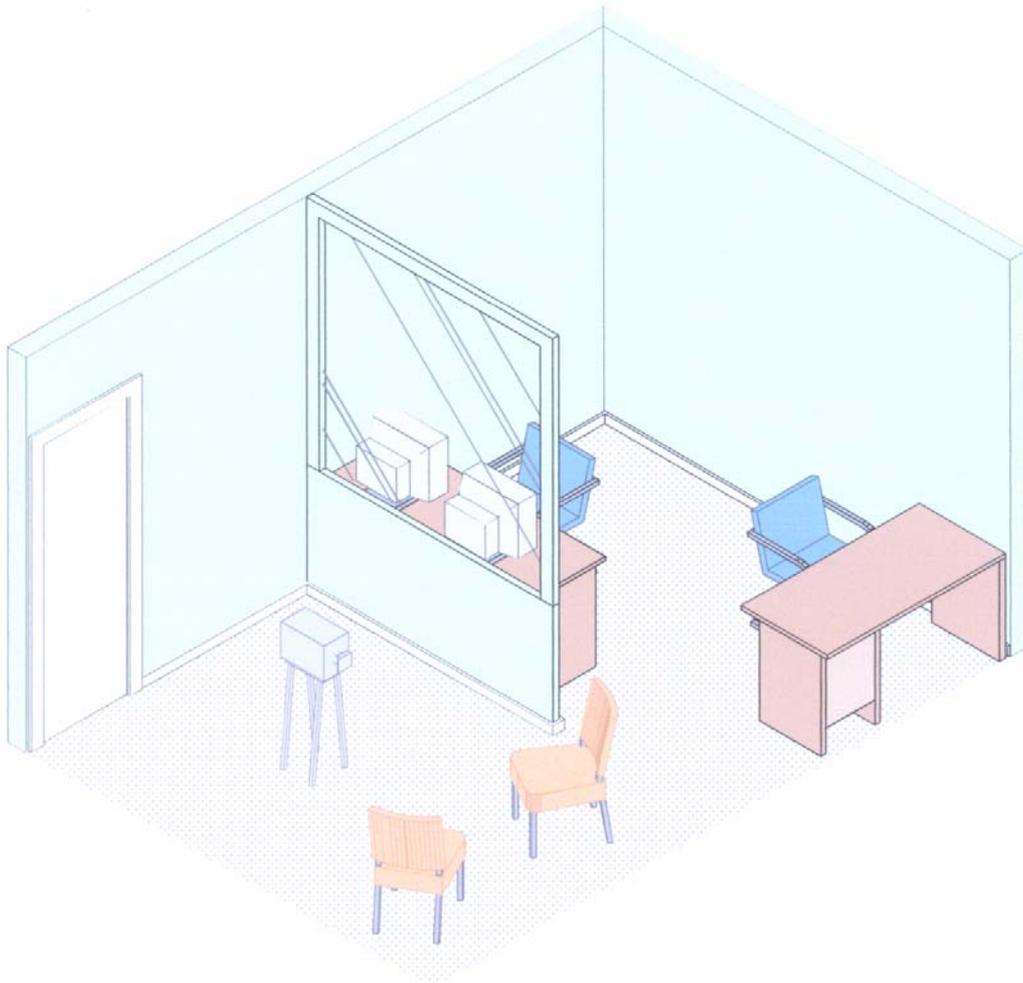
- SPINK, Mary J.P. (1995) O estudo empírico das representações sociais. In: *O conhecimento no cotidiano*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- STILES, William B. (1978) Verbal responses modes and dimensions of interpersonal roles: a method of discourse analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*. Vol. 36: 636-703.
- (1979) Verbal responses modes as psychoterapy technique. *Psychiatry*, 42: 49-62.
- STUBBE, M; LANE, Chris; HILDER, Jo; VINE, Elaine; VINE, B; MARA, Meredith; HOLMES, Janet & WEATHERALL, Ann. (2003). Multiple discourse analysis of a workplace interacion. *Discourse Studies*. Vol. 5 (3), 351-388.
- SULLIVAN, H.S. (1983) A entrevista psiquiátrica (trad. Maria A. V. Cunha) Rio de Janeiro: Editora Interciência.
- TANNEN, D. & WALLAT, C. (1983) Doctor/mother/chil communication: Linguistic analysis of pediatric interaction. In: FISHER, S. & TODD, A . D. (eds.) *The social organization of doctor-patient communication*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, p. 203-19.
- TANNEN, D. (1986) *That's not what I meant!* N.Y.: William Morrow & Company.
- (1989) *Talking Voices: repetition, Dialogue and Imagery in Conversational Discourse*: Cambridge: CUP.
- (1993) *Framing in Discourse*. N.Y.: Oxford University Press.
- & WALLAT, C. (1998) Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: In: *Sociolingüística Interacional. Antropologia, Lingüística e Sociologia em Análise do Discurso*. Ribeiro, Branca.T & Garcez, Pedro M. (orgs) Porto Alegre: Editora AGE.
- TENÓRIO, Fernando (2001) *A psicanálise e a clínica da reforma psiquiatria*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- VELHO, Gilberto (1978) Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. (org.) *A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- (1980) Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas. In: FIGUEIRA, S. (org.) *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- (1989) *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- VENNEMAN, T. (1975) Topic, sentence accent and ellipsis: a proposal of their formal treatment. In: *Formal semantics and natural language*. Ed. E.L. Keenan. Cambridge: Cambridge University Press, p. 313-27.
- YOUNG, Katharine (1989) Narrative embodiments: enclaves of the self in the realm of medicine. In: *Texts of Identity*. Edited by John Shotter and Kenneth Gergen, 152-65. Newbury Park, CA: Sage.
- WERGER, E. (1998). *Communities of Practice. Learning, Meaning, and Identity*. NY: Cambridge University Press.
- WIDDICOMBE, Sue (1998) Identities as na analysts' and a participants' resource. In: Charles Antaki e Sue Widdicombe (eds.). *Identities in Talk*. London: Sage Publications, p. 191-206.
- WING, J. K. (1979) *Reflexões sobre a loucura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WODAK, Ruth (1997) Critical discourse and the study of doctor-patient interaction. In Gunnarsson, Britt-Louise; Linell, Per and Nordberd, Bengt (eds.) *The construction of professional discourse*. New York: Longman.
- ZIMMERMAN, Don H. Discourse identities and social identities. In: Charles Antaki e Sue Widdicombe (eds.). *Identities in Talk*. London: Sage Publications, London: Sage Publications, p. 87-106.

## Anexos

## Anexo I

### Perspectiva da sala de áudio-visual





- 39 José Mário:** =é=
- 40 Dr. Oswaldo:** =você já teve aqui no Ipub outras vezes, né?=  
**41 José Mário:** =já onze vezes.
- 42 Dr. Oswaldo:** onze vezes, quando foi a primeira vez?=  
**43 José Mário:** =sete, não seis ou sete, umas seis ou sete vezes.
- 44 Dr. Oswaldo:** humhum=  
**45 José Mário:** =eu fugi daqui onze vezes, já estou onze anos aqui.
- 46 Dr. Oswaldo:** onze anos, mas antes você já havia estado em algum outro lugar?=  
**47 José Mário:** =no Eiras, na Gávea .. Eiras, Gávea .. Pinel, só.
- 48 Dr. Oswaldo:** quando é que começaram os seus problemas com a psiquiatria? [
- 49 José Mário:** filho quando nasceu meu  
—
- 50 Dr. Oswaldo:** o mais velho=  
**51 José Mário:** =é eu era muito irresponsável e fui mandado embora quando ele nasceu, eu fui mandado embora=  
**53 Dr. Oswaldo:** =humhum, esse então tem dezoito anos.  
[dec]
- 55 José Mário:** tem dezoito anos.=
- 56 Dr. Oswaldo:** =e aí você teve, começou a fazer tratamento psiquiátrico.=
- 57 José Mário:** =não aí eu comecei com Fernegan=  
**58 Dr. Oswaldo:** =hum=  
**59 José Mário:** =porque eu perdia sono=  
**60 Dr. Oswaldo:** =você não conseguia dormir?=  
**61 José Mário:** =é, aí passei a tomar Fernegan e foi aumentando, aumentando, aumentando, aumentando, aumentando até tomar uma cassetada de remédios=  
**63 Dr. Oswaldo:** =humhum, e nessa primeira vez você foi internado, você começou a se tratar em ambulatórios, como é que foi?  
**65 José Mário:** não, é:: tem dois anos que eu não venho aqui né.=
- 66 Dr. Oswaldo:** =não tô falando da primeira vez quando
- 67 José Mário:** a primeira vez eu fugia todo dia todo dia eu ia pro Rio Sul tomar chopp. Já fui é: não tinha aquele é você pegou tem quantos anos aquele ( )=  
**69 Dr. Oswaldo:** =ah bastante tempo.=
- 70 José Mário:** =tem mais de onze anos?  
**71 Dr. Oswaldo:** tem=  
**72 José Mário:** =se lembra quando desenhavam um coração com flores ali naquele jardim da da um.  
**73 Dr. Oswaldo:** não lembro muito não.
- 74 José Mário:** ali tinha um muro e a gente pulava pro outro mato caía no campo de futebol pulava o muro aí caía pro outro lado e ia pro Rio Sul, tudo bem vestido coisa e tal ia lá pro Rio Sul tomava chopp levava uma galera.  
**77 Dr. Oswaldo:** todo mundo pulava o muro com você.=
- 78 José Mário:** =todo mundo pulava o muro aí depois meu pai vinha e pagava tudo.. Ou então ele dizia “sou da Ipub se vira aí, não vou pagar porra nenhuma”, aí neguinho porra, mulher pra caramba do lado.. mais de onda né=  
**81 Dr. Oswaldo:** =e você voltava pra cá?=  
**82 José Mário:** =aí minha família voltava pra cá outra vez, aí no outro dia pulava outra vez=  
**83 Dr. Oswaldo:** =humhum=  
**84 José Mário:** =aí voltava outra vez, no outro dia pulava outra vez.  
**85 Dr. Oswaldo:** e, mas então afinal você ficou sem dormir, né?=  
**86 José Mário:** =eu fiquei preocupado né.=
- 87 Dr. Oswaldo:** =e aí você começou já foi internado, você já fez consulta em algum ambulatório? isso que eu estava te perguntando. aí te passaram Fernegan, como é que foi isso?=  
**89 José Mário:** =porra eu não gosto de guardar mágoa de ninguém não, mas eu fui sacaneado=  
**90 Dr. Oswaldo:** =hum=  
**91 José Mário:** =por uma firma  
**92 Dr. Oswaldo:** por uma firma

- 93 José Mário:** pode citar o nome?=  
**94 Dr. Oswaldo:** =pode se você quiser=  
**95 José Mário:** =vai ser gravado isso aí pô eles podem me matar e o caramba=  
**96 Dr. Oswaldo:** =vou deixar você à vontade, se não quiser falar não fala, mas aí você foi sacaneado é isso?=  
**98 José Mário:** =fui sacaneado me botaram pô fizeram a cabeça da minha esposa, dos meus pais que eu era doente mental e o caramba pra me tratar e não sei o que=  
**100 Dr. Oswaldo:** =humhum=  
**101 José Mário:** =e por aí veio aí, veio, veio, veio, massacrando, massacrando, massacrando até hoje.  
**102 Dr. Oswaldo:** e aí você já teve várias internações  
**103 José Mário:** várias internações.  
**104 Dr. Oswaldo:** de lá pra cá, aqui no Ipub você falou que já foram sete=  
**105 José Mário:** = é porque eu bebo chego doidão em casa e a mulher pô pô vou me internar hoje eu tô doidão pra lá de bagdá, pô aí me interna=  
**107 Dr. Oswaldo:** =humhum. o que você bebe?  
**108 José Mário:** =o que tiver=  
**109 Dr. Oswaldo:** =não tem nenhuma preferência não?=  
**110 José Mário:** =é cerveja.=  
**111 Dr. Oswaldo:** =cerveja. todo dia você bebe?=  
**112 José Mário:** =não. eu seguro a onda de segunda a sexta, sexta eu páro de tomar o remédio=  
**113 Dr. Oswaldo:** sexta você pára de tomar o remédio.  
**114 Paciente:** é, sábado eu paro de tomar o remédio e também entorno o caldo pertinho da minha casa vou rastejando vou de gatinho pela pela pela escada e chego em casa pô tá entendendo o bar é ali pertinho.=  
[rindo]  
**117 Dr. Oswaldo:** =humhum.. e isso todo final de semana, toda sexta e sábado.=  
**118 José Mário:** =é toda sexta e sábado  
**119 Dr. Oswaldo:** e agora você tava passando da conta.  
**120 José Mário:** não agora eu tô tô de bobeira aí, tomei uns goró mais forte.  
**121 Dr. Oswaldo:** sem ser na sexta e no sábado=  
**122 José Mário:** =porque meu carro tá consertando, bateu o motor=  
**123 Dr. Oswaldo:** =hum. e aí você estava em casa sem fazer nada=  
**124 José Mário:** =ahã?=  
**125 Dr. Oswaldo:** = você estava em casa sem trabalho.  
**126 José Mário:** sem nada e aí pô tô com dinheiro graças a Deus=  
**127 Dr. Oswaldo:** =humhum. e aí você bebeu o quê? cêrveja também  
**128 José Mário:** cinquenta e um, cinquenta e um só, e mel, cinquenta e um  
**129 Dr. Oswaldo:** e aí você parou de tomar o remédio  
**130 José Mário:** chego a tá com a garganta doendo de tanto falar  
**131 Dr. Oswaldo:** tá falando muito  
**132 José Mário:** não sei se é a aceleração do pensamento, pode ser também né?=  
**133 Dr. Oswaldo:** =isso acontece com você?  
**134 José Mário:** não  
**135 Dr. Oswaldo:** nunca aconteceu de ficar mais acelerado?  
**136 José Mário:** não às vezes já já já  
**137 Dr. Oswaldo:** já aconteceu outras vezes=  
**138 José Mário:** =já, eu adivinhava o que tu pensava  
**139 Dr. Oswaldo:** você tinha outra  
**140 José Mário:** quando você ia falar alguma coisa eu já respondia na tua frente  
**141 Dr. Oswaldo:** e isso aconteceu de outras vezes quando você estava internado?  
**142 José Mário:** atrás isso aconteceu há muitos anos atrás há uns dezessete anos  
**143 Dr. Oswaldo:** de ficar acelerado fazendo outra coisa  
**144 José Mário:** o médico achou=  
**145 Dr. Oswaldo:** =humhum. mas aconteceu uma vez só?=  
**146 José Mário:** =ahã=

- 147 **Dr. Oswaldo:** =aconteceu uma vez só?=  
 148 **José Mário:** =é, aí me internaram=  
 149 **Dr. Oswaldo:** =mas depois nas outras internações isso não aconteceu de novo  
 150 **José Mário:** não nunca mais  
 151 **Dr. Oswaldo:** as outras internações  
 152 **José Mário:** aí depressão  
 153 **Dr. Oswaldo:** as outras ( ). depressão  
 154 **José Mário:** depressão, aí veio a fase maníaco-depressivo=  
 155 **Dr. Oswaldo:** =hum. e como é que você ficava quando tava deprimido?  
 156 **José Mário:** ah porra não queria a única coisa que eu queria fazer era fumar e:: ter sexo o resto nada que tinha que tinha assim vontade de fazer  
 157 **Dr. Oswaldo:** não saía de casa?=  
 158 **José Mário:** =não saía queria viver só no escuro dormindo=  
 159 **Dr. Oswaldo:** =humhum=  
 160 **José Mário:** =queria morrer=  
 161 **Dr. Oswaldo:** =você tentou alguma vez se matar?  
 162 **José Mário:** não eu pô minha vida pertence a Deus quem tem que me tirar é Deus não sou eu. Eu tenho livre arbítrio de me matar mas quem quem me mata é Ele então se eu tiver que morrer agora eu vou morrer agora meu livre arbítrio é Deus.. tá entendendo?=  
 166 **Dr. Oswaldo:** =humhum. então aconteceu uma só vez de você ficar agitado, as outras vezes era depressão.  
 168 **José Mário:** depressão  
 169 **Dr. Oswaldo:** e dessa vez agora você ficou agitado ou deprimido ou foi só a bebida?=  
 170 **José Mário:** =eu tomei goró e porra peguei um coma alcóolico sei lá alguma coisa que eu tomei uma garrafa de cinquenta e um não estou acostumado a isso.. ou meia garrafa sei lá=  
 171 **Dr. Oswaldo:** =humhum. e aí apagou.=  
 172 **José Mário:** =apaguei=  
 173 **Dr. Oswaldo:** =e aí quando você acordou já estava aonde? já tinham te trazido pra cá ou não?=  
 174 **José Mário:** =já tinham me trazido pra cá  
 175 **Dr. Oswaldo:** você acordou aqui  
 176 **José Mário:** acordei aqui, aqui ô olha só a barbaridade que fizeram ô=  
 177 **Dr. Oswaldo:** =quem é que fez isso?=  
 178 **José Mário:** =sei lá pô=  
 179 **Dr. Oswaldo:** =mas aqui ou antes de você  
 180 **José Mário:** ahã? lá no Pinel  
 181 **Dr. Oswaldo:** lá no pinel. Você passou primeiro pelo Pinel, então. Humhum, e você veio como, você sabe? Foi sua família que te trouxe de carro?  
 183 **José Mário:** vim de carro com um amigo, meu filho e minha mulher=  
 184 **Dr. Oswaldo:** =humhum. então quando você veio você nem resistiu você tava apagado.=  
 185 **José Mário:** =tava apagado. Eles vieram me carregando=  
 186 **Dr. Oswaldo:** =humhum. e quando foi a última vez que você havia estado aqui, tem muito tempo?  
 187 **Paciente:** dois anos=  
 188 **Dr. Oswaldo:** =dois anos, tudo isso, e nesse período de dois anos você fazia algum tratamento?  
 189 **José Mário:** fazia=  
 190 **Dr. Oswaldo:** =você vinha às consultas?  
 191 **José Mário:** todos os meses  
 192 **Dr. Oswaldo:** quem era teu médico aqui?=  
 193 **José Mário:** =era Doutora Norma e depois Doutora Michele=  
**Dr. Oswaldo:** =você já havia tido consulta com a Doutora Michele?  
 194 **José Mário:** já, com o Doutor Leonardo, Luiz Mário=  
 195 **Dr. Oswaldo:** =humhum. que remédios que ela te passava?  
 196 **José Mário:** carbolitio, anpictil e diazepam

- 197 Dr. Oswaldo: e você tava tomando isso?=  
 198 José Mário: =tava=  
 199 Dr. Oswaldo: =mas nesse período que você tava bebendo em casa não tinha parado?  
 200 José Mário: tava, tava, tava, quando não bebia eu tomava  
 201 Dr. Oswaldo: mas você disse que ultimamente você tava bebendo quase sempre né? que você estava parado em casa  
 203 José Mário: é=  
 204 Dr. Oswaldo: =aí você não estava tomando remédio=  
 205 José Mário: =aí eu tomava um, eu acordava de ressaca e quem acorda de ressaca e tem vontade de beber alguma coisa? Eu misturei vinho mel cachaça cerveja no sábado, tá entendendo? É isso que você vai me perguntar?=  
 208 Dr. Oswaldo: =e você chegou aqui quando?=  
 209 José Mário: =cheguei aqui foi terça-feira=  
 210 Dr. Oswaldo: =terça-feira, agora eu queria saber um pouquinho da história da tua vida.=  
 211 José Mário: =terça ou segunda-feira. ãh falá da minha vida=  
 212 Dr. Oswaldo: =queria que você me contasse um pouquinho da tua infância  
 213 José Mário: Paciente: minha infância foi assim maravilhosa de criança, de jogar bola, jogar bola de gude, pião  
 215 Dr. Oswaldo: aonde é a tua infância, Santa Teresa?  
 216 José Mário: Santa Teresa, joga bola de gude pião é:: soltar balão brincar de fazer tudo o que uma criança faz  
 218 Dr. Oswaldo: e na escola?=  
 219 José Mário: =na escola era dez em matemática dez em física 10 em.. que que eu quisesse eu tirava dez=  
 221 Dr. Oswaldo: =e você gostava de estudar?=  
 222 José Mário: =não gostava mas tirava quando precisava eu tirava mas matemática eu dava show de bola eu dava aula em faculdade pra 12 alunos, de integral, derivada e limite ninguém entendia nada era uma porrada de velho e eles num não tinham noção eu tinha que ficar, já pensou explicar velho? Sessenta e poucos anos querendo um diploma para se promover e eu lá “*meu irmão um mais um é dois, dois mais dois é quatro, três mais três é seis*” pô=  
 227 Dr. Oswaldo: =você estudou aonde?=  
 228 José Mário: =Suesc=  
 229 Dr. Oswaldo: =na Suesc, você fazia ciências contábeis?=  
 230 José Mário: =ciências contábeis=  
 231 Dr. Oswaldo: =você se formou com que idade?  
 232 José Mário: vinte e quatro anos  
 233 Dr. Oswaldo: humhum e aí  
 234 José Mário: com vinte e seis anos eu já era contador de uma multinacional=  
 235 Dr. Oswaldo: =é isso que eu ia te perguntar como é- quando é que você começou a trabalhar antes de se formar ou só depois?  
 237 José Mário: com vinte anos=  
 238 Dr. Oswaldo: =você quando foi o seu primeiro emprego?=  
 239 José Mário: =é hum foi na Embratel=  
 240 Dr. Oswaldo: =humhum. o que você fazia?=  
 241 José Mário: =boy=  
 242 Dr. Oswaldo: =boy=  
 243 José Mário: =depois fui pro jornal O Globo=  
 244 Dr. Oswaldo: =e também como boy?=  
 245 José Mário: =não como auxiliar de escritório=  
 246 Dr. Oswaldo: =humhum. e você já estava formado?=  
 247 José Mário: =não ainda não, estava fazendo pré vestibular=  
 248 Dr. Oswaldo: =ah tá você começou com vinte né, que você falou  
 249 José Mário: vinte=  
 250 Dr. Oswaldo: você entrou na faculdade com que idade?  
 251 José Mário: =vinte=  
 252 Dr. Oswaldo: =vinte, foi no ano que você entrou na faculdade=  
 253 José Mário: =vinte. vinte e quatro me formei=

- 254 Dr. Oswaldo:** =humhum.=
- 255 José Mário:** =vinte e cinco fui encarregado do contas a pagar da Montreal Engenharia=  
[paciente fala no ouvido do médico]
- 257 Dr. Oswaldo:** Segredo... ah tá. você ficou quanto tempo lá?
- 258 José Mário:** três anos
- 259 Dr. Oswaldo:** e depois quais foram os teus empregos? você teve vários-
- 260 José Mário:** só foi firma ruim, foi vamo lá, Cesário Paschoale uma firma italiana fornecedora de de alimentos pra navios, Engeam Marcos Construções Marítimas, Engeam Marcos Construções Marítimas foi primeiro depois é:: depois Cesário Paschoale, depois Paziu, depois ( ), depois Minas Gás, depois Montreal Engenharia outra vez e depois ( )=
- 265 Dr. Oswaldo:** =humhum. quer dizer que você nunca deixou de trabalhar teve sempre empregado. nunca deixei sempre empregado=
- 266 José Mário:**
- 267 Dr. Oswaldo:** =mesmo tendo essas interações
- 268 José Mário:** eu sempre gostei de trabalhar
- 269 Dr. Oswaldo:** essas interações atrapalhavam?
- 270 José Mário:** atrapalhavam
- 271 Dr. Oswaldo:** mas você voltava a trabalhar
- 272 José Mário:** voltava, eu já cheguei a pedir alta do INPS fui lá no peito e na raça e eu quero alta eu quero trabalhar fui trabalhar com vinte pessoas passei num num concurso com mais mais de vinte pessoas prova de matemática financeira , contabilidade tudo ficou eu e um cara=
- 276 Dr. Oswaldo:** =humhum.=
- 277 José Mário:** =aí a mulher me deu a oportunidade porque eu- na Brascam Imobiliária.=
- 278 Dr. Oswaldo:** =humhum.=
- 279 José Mário:** =não tinha nem falado na Brascam Imobiliária aí passei com três meses fui promovido=
- 280 Dr. Oswaldo:** =humhum.=
- 281 José Mário:** =posso beber um pouco de água?=  
**282 Dr. Oswaldo:** pode tem água ( ) :: dos teus trabalhos você ficava muito tempo em cada trabalho, ficava pouco tempo, e você
- 284 José Mário:** não ficava uns dois anos=
- 285 Dr. Oswaldo:** =e você que resolvia sair=
- 286 José Mário:** =saí porque achava que tava ganhando pouco tava trabalhando muito, trabalhava de oito às dez da noite e não tinha recompensa, aí eu=
- 288 Dr. Oswaldo:** =deixava o emprego e procurava outro=
- 289 José Mário:** =é, aí na Minas Gás quando eu assumi na Minas Gás falei não agora eu vou ficar aqui porque aqui é um emprego garantido aí um ano depois teve um corte o governo teve um problema, aí é cancelaram todas as é:: funções assim mandaram gerente, eu, todo mundo, eu tinha podres lá mas eu eu não quis se revelar de ninguém não=
- 293 Dr. Oswaldo:** =humhum. e agora você trabalha como motorista=
- 294 José Mário:** =motorista=
- 295 Dr. Oswaldo:** =qual é o trabalho que você faz?=  
**296 José Mário:** =fiscalização municipal, saúde, todo município=
- 297 Dr. Oswaldo:** =humhum. é uma firma contratada pelo município , é isso?
- 298 José Mário:** contratado é
- 299 Dr. Oswaldo:** é um trabalho terceirizado
- 300 José Mário:** =isso=
- 301 Dr. Oswaldo:** =mas o carro é teu, não? =
- 302 José Mário:** =o carro é meu=
- 303 Dr. Oswaldo:** =ah, o carro é teu=
- 304 José Mário:** =é=
- 305 Dr. Oswaldo:** =você ganha um salário ou você ganha por serviço?
- 306 José Mário:** é por diária
- 307 Dr. Oswaldo:** diária. Humhum. e dá pra ganhar direitinho nesse trabalho?
- 308 José Mário:** ( )

- 309 Dr. Oswaldo:** e esses dias que o carro estava parado então você não ganhou
- 310 José Mário:** é
- 311 Dr. Oswaldo:** mas mesmo assim tava tava bebendo esses dias
- 312 José Mário:** tô bebendo porque tô parado lá pô  
[rindo]
- 314 Dr. Oswaldo:** =é o que você gosta de fazer no teu tempo livre, né?=  
**315 José Mário:** =ahã=
- 316 Dr. Oswaldo:** =quando você tá com tempo livre você gosta de ir lá no bar beber perto da tua casa, é o que você gosta de fazer no tempo livre=
- 318 José Mário:** =rapaz num é que eu não goste eu gosto de ficar com a minha esposa com carinho e tudo sabe, mas ela é muito encrenqueira.=
- 320 Dr. Oswaldo:** =ela é encrenqueira.=
- 321 José Mário:** =ela é encrenqueira, tá entendendo, ela catimba, catimba, catimba, catimba, catimba, aí eu me mando pra rua eu gosto de rua
- 323 Dr. Oswaldo:** e com os teus filhos como é a tua relação com eles, vocês se dão bem?=  
**324 José Mário:** =ah eu dou soco neles todos os dias=
- 325 Dr. Oswaldo:** =ué por quê?=
- 326 José Mário:** =só bati uma vez no meu filho, eu tinha setenta reais não eu tinha cem reais, a nossa cota tava apertadinha, eu sou quem quem, eu fazia flu fluxograma de empresas, tá entendendo, área financeira, eu não vou fazer flu fluxograma da minha casa, então eu tinha cem reais, eu falei “*isso aqui vai pra cá ( )*”, aí o que eu fazia .. peguei, verão, aí eu quis comprar uma piscina, aí a piscina é:: custava cinqüenta reais aí no dia seguinte pintou uma promoção na Sendas de uma piscina de setenta, de dois mil litros é é dois mil litros na Sendas né, eu já tô ficando cansado com sono tô como, dois mil litros na Sendas, aí eu fui lá paguei setenta reais, aí eles furaram a piscina, aí quando eu vi assim “*quem foi que furou?*” “*ah, não fui eu, não fui eu*”, tinha comprado aquilo com muita vontade né, e sobrou trinta reais, aí eu peguei o mais velho e saí dei umas porradas, fui atrás do pequeno, quando fui atrás do pequeno, o pastor alemão que eu tinha fez assim no meu pé oh, guentou, tava deitado na porta aí só fez assim.. aquilo ali me esfriou.. aí eu “*larga Buzu, larga Buzu, larga filho*”, aí fiz assim com carinho “*larga filho, larga o papai, larga*”, e ele com um dentão desse tamanho aqui no não sei nem aonde que é, rapaz é por aqui assim oh.=
- 340 Dr. Oswaldo:** =humhum=
- 341 José Mário:** =tá sujo o meu pé por causa de, foi por aqui assim oh, entrou um dente desse tamanho assim no no meu pé, aí ele foi largando devagarzinho, eu fui me acalmando e falei “*Diego abre abre o banheiro*”, “*Não o senhor vai me bater*” e eu falei “*Eu não vou te bater meu filho, vem cá no papai quem foi que furou a piscina?*” “*Ah não sei pai*” falei “*Tá bom papai vai consertar essa porra depois, deixa comigo*”. Foi a única vez que eu bati no meu filho .. tá entendendo, nunca mais, no pequeno, pergunta a ele se ganhou um tapa meu, nunca ganha eu brigo com ele de luta, quando um tá machucando o outro a gente faz assim oh.
- 348 Dr. Oswaldo:** então vocês se dão bem, você e os teus dois filhos?
- 349 José Mário:** graças a Deus=
- 350 Dr. Oswaldo:** =você tem família no Rio, irmãos irmãs?
- 351 José Mário:** olha rapaz isso aí é um negócio muito complicado que eu não queria comentar não
- 352 Dr. Oswaldo:** é. então tá=
- 353 José Mário:** =eu tenho meu pai, minha mãe
- 354 Dr. Oswaldo:** estão vivos ainda?
- 355 José Mário:** minha prima, meu tio, minha a mulher dele que é minha tia também de consideração=
- 357 Dr. Oswaldo:** =humhum=
- 358 José Mário:** =faleceu agora minha madrinha. Meu pai, meu pai rapaz não é brincadeira não se vier aqui dá um show de bola meu pai tem setenta anos tem o dobro de histórias que eu tenho para contar, é um italiano de Cosenza.
- 361 Dr. Oswaldo:** ah, é italiano

- 362 José Mário:** é. sangue sangue italiano, sangue brabo, e minha mulher é uma mulher pacata e ela não entende a minha a minha ignorância, a minha estupidez ta entendendo, às vezes eu faço um carinho nela assim e falo “vem cá amor” aí faço assim, ela “porra, tá parecendo um português” eu falei “não tô te tratando com carinho” mas ela não vem, aí eu forço mais, aí eu forço mais, ela ela faz assim, aí eu fico fazendo carinho nela aqui assim oh, tá entendendo meu negócio é carinho cara não é bater em ninguém não
- 368 Dr. Oswaldo:** humhum. mas já aconteceu de você bater nela alguma vez?=  
**369 José Mário:** = nós brigamos uma vez, ela me bateu eu bati nela, tá entendendo=  
**370 Dr. Oswaldo:** = humhum. e aqui você já brigou alguma vez?  
**371 José Mário:** já, já=  
**372 Dr. Oswaldo:** =já=  
**373 José Mário:** = pessoas que me provocavam né=  
**374 Dr. Oswaldo:** =humhum=  
**375 José Mário:** =pedia para beber água o cara “guenta aí” ficava cinco minutos porra bebendo água, eu falei “o amigo deixa eu beber água aí” “vai tomar no cu” aí porra eu saía num box mesmo né eu sou bom de briga, eu eu quando tinha onze doze treze anos eu brigava de duas ou três vezes por dia rapaz=  
**379 Dr. Oswaldo:** =sério=  
**380 José Mário:** =é. dá licença vê se dá pra encarar um baixinho igual a esse aqui .. dá pra encarar?  
*[paciente tira a camisa, mostra o peito e bate no braço]*  
**382 Dr. Oswaldo:** aí você brigava muito  
**383 José Mário:** capoeira assim oh, é ruim de encarar heim  
**384 Dr. Oswaldo:** hum. E até hoje você briga muito?  
**385 José Mário:** não=  
**386 Dr. Oswaldo:** =hoje não=  
**387 José Mário:** =hoje sou pacato, brigar para que? pra tomar soco na cara?  
**388 Dr. Oswaldo:** aqui nessa internação não teve nenhum problema?  
**389 José Mário:** e que nada só faço amizade=  
**390 Dr. Oswaldo:** = e como é você está se sentindo, você chegou aqui na segunda ou terça-feira=  
**391 José Mário:** =segunda-feira ou terça-feira.  
**392 Dr. Oswaldo:** e como é que você tá?  
**393 José Mário:** rapaz porra sei lá, acho que lá fora é melhor né, lá fora é bem melhor, aqui você passa por muito coitado, e você não é coitado, tá entendendo.  
**395 Dr. Oswaldo:** o que você tá tomando de remédio aí você sabe?  
**396 José Mário:** bom, disseram que era ampictil e diazepam=  
**397 Dr. Oswaldo:** =humhum  
**398 José Mário:** eu sei lá né  
**399 Dr. Oswaldo:** mas você já conversou com a tua médica sobre isso?  
**400 José Mário:** bom o litio que eu vi é um.. hoje eu fiz dosagem de litio  
**401 Dr. Oswaldo:** mas não tá tomando litio ainda não  
**402 José Mário:** isso aqui não foi barberagem, doutor?=  
**403 Dr. Oswaldo:** =não, às vezes acontece  
**404 José Mário:** pô mas uma vez eu fiquei com um calombo aqui assim oh todo roxo, aqui oh  
**405 Dr. Oswaldo:** foi hoje quando tiraram sangue?  
**406 José Mário:** ahã?  
**407 Dr. Oswaldo:** isso aí foi hoje quando tiraram sangue?  
**408 José Mário:** é porque tem muito, mete a mão aqui oh, tá fraquinho ou=  
**409 Dr. Oswaldo:** = tá forte  
**410 José Mário:** tem um músculo aqui doutor=  
**411 Dr. Oswaldo:** = humhum. e você tá pensando em ir embora já , já falou com a sua médica?=  
**412 José Mário:** =gostaria gostaria=  
**413 Dr. Oswaldo:** =humhum. saudade de casa?=  
**414 José Mário:** =saudade dos meus filhos=  
**415 Dr. Oswaldo:** =humhum=  
**416 José Mário:** =se tiver que ficar mais uns dois dias três dias não tem problema  
**417 Dr. Oswaldo:** você tem dormido bem?=

**418 José Mário:** =tenho

**419 Dr. Oswaldo:** dorme a noite toda? Não tá se sentindo triste?

**420 José Mário:** tô sentindo triste, tô com saudade da minha mulher, dos meus filhos

**421 Dr. Oswaldo:** então tá certo, vou deixar você ir, vamos terminar pra poder beber a tua água.

**422 José Mário:** humhum e vem cá almoço não vai ter pra mim

**423 Dr. Oswaldo:** vai ter sim, vai ter sim

**424 José Mário:** olha lá, eu to cheio de fome

**425 Dr. Oswaldo:** vai ter sim

**426 José Mário:** tô com uma fome danada. campeão, sangue ( ) américa

**427 Dr. Oswaldo:** tchau, José Mário, obrigado

**428 José Mário:** doutor, fala lá pra deixar comida pra mim lá

**429 Dr. Oswaldo:** vai ter sim

(FIM DA ENTREVISTA)

## ENTREVISTA 2: Vitor Figueira

*Vitor = paciente*

*Dr. Oswaldo = médico*

*Tânia = pesquisadora*

*Enéas = operador de áudio*

Enquanto aguardávamos a chegada do médico, o paciente ficou conversando comigo e com o operador de áudio.

**Vitor:** mentira, mentira, mentira, eu sei que é mentira, mentira, mentira, te amo com loucura, meu amor, contigo eu quero ser feliz, meu amor. Mentira, mentira, mentira, eu sei que é mentira, mentira, mentira, te amo de verdade, contigo eu quero ser feliz, meu amor.  
Finado Evaldo Braga.

**Tânia:** Evaldo Braga

**Vitor:** finado

**Tânia:** ah, mas essa foi gravada

**Vitor:** não sei porque você se foi, tantas saudades eu senti....Finado Tim Lopes

Tire os seus olhos do meu, não quero nem posso me apaixonar.... Leandro e Leonardo

**Tânia:** você sabe muitas

**Vitor:** muitas, é muitas músicas que vem entendeu? se eu for lembrar de tudo

**Tânia:** e você decora todas as letras? não precisa ler nada?

**Vitor:** tudo, tudinho, não preciso ler, não preciso nada

**Enéas:** você comentou que fez música pra quem mesmo? eu não prestei atenção porque estava ocupado aqui

**Vitor:** Leandro e Leonardo, fiado Zé, finado Evaldo Braga, Lindomar Castilho, toca a fita do meu carro....Gastão Galeno

**Tânia:** como?

**Vitor:** Gastão Galeno

**Tânia:** nunca ouvi falar dele

**Vitor:** ele mora perto de onde eu moro, perto da minha casa

**1 Dr. Oswaldo:** vamos começar é: como é que é o teu nome todo?

**2 Vitor:** Vitor Figueira Costa.. Vitor Figueira Costa Neto Compositor.

**3 Dr. Oswaldo:** você está com que idade, Vitor?

**4 Vitor:** quarenta e quatro anos=

**5 Dr. Oswaldo:** = e você é nascido aonde?

**6 Vitor:** ( ) do Ceará.

**7 Dr. Oswaldo:** cearense. Humhum, tá muito.

**8 Vitor:** só que não foi dentro da cidade, foi num sítio

**9 Dr. Oswaldo:** sei=

**10 Vitor:** = sítio chamado Paus Autos

**11 Dr. Oswaldo:** você está há muitos anos no Rio?

**12 Vitor:** vinte e um anos, vinte e dois anos.

**13 Dr. Oswaldo:** vinte e dois, e o que que te trouxe aqui ao Instituto de Psiquiatria, Vitor?

**14 Vitor:** é sistema nervoso abalado... entendeu? =

**15 Dr. Oswaldo:** =como é que é isso do sistema nervoso? =

**16 Vitor:** = sistema abalado é o seguinte, por exemplo, tem uma pessoa do meu lado aqui né, tem outra do meu lado aqui, aí começa no meu ouvido, entendeu aí fala muito no meu ouvido, pá pá pá pá não sei o que não sei o que não sei o que qualquer barulhinho me irrita entendeu eu sou um cara que vivo da música aí não posso ser irritado, aí eu fico irritado aí nego começa oh é assim mesmo

**20 Dr. Oswaldo:** é isso é

**21 Vitor:** aí eu não resisto=

**22 Dr. Oswaldo:** = e isso é uma coisa que te acontece há muito tempo=

**23 Vitor:** = não já há há muito tempo já há muito tempo não foi:: de de pouco tempo pra cá=

- 24 Dr. Oswaldo:** = se sabe
- 25 Vitor:** foi desde do dia que eu saí de Santa Catarina, em Santa Catarina que eu tava lá.
- 26 Dr. Oswaldo:** se tava morando em Santa Catarina?
- 27 Vitor:** não morando não, eu tava internado
- 28 Dr. Oswaldo:** ah Santa Catarina é uma clínica?
- 29 Vitor:** na cidade eu moraria
- 30 Dr. Oswaldo:** ah é uma clínica eu pensei que fosse o Estado de Santa Catarina
- 31 Vitor:** uma clínica... no hospital nunca moraria, né ( ), hospital é hospital=
- 32 Dr. Oswaldo:** = mas e quando é que você teve internado pela primeira vez Vitor?
- 33 Vitor:** a primeira vez que eu estive foi na Gávea
- 34 Dr. Oswaldo:** há quantos anos atrás?
- 35 Vitor:** em mil novecentos e oitenta e cinco =
- 36 Dr. Oswaldo:** = oitenta e cinco, e o que que aconteceu em oitenta e cinco que você
- 37 Vitor:** é tudo crise de nervos é tudo crise de nervos=
- 39 Dr. Oswaldo:** = e em oitenta e cinco como é que era a crise de nervos, você lembra? =
- 40 Vitor:** = é do mesmo jeito que está acontecendo agora=
- 41 Dr. Oswaldo:** = as pessoas falando=
- 42 Vitor:** = falando muito muito barulho eu não gosto não gosto de onde tem muito barulho eu saio procuro um lugar mais silencioso porque minha cabeça não guenta=
- 44 Dr. Oswaldo:** = sei, em oitenta e cinco isso aconteceu em que circunstâncias, você tava trabalhando? -
- 45 Vitor:** não, eu tava trabalhando em eletrônica
- 46 Dr. Oswaldo:** você trabalhava em eletrônica
- 47 Vitor:** é
- 48 Dr. Oswaldo:** aonde você trabalhava? =
- 49 Vitor:** = com meu irmão =
- 50 Dr. Oswaldo:** = com teu irmão =
- 51 Vitor:** = é
- 52 Dr. Oswaldo:** vocês consertavam aparelhos
- 53 Vitor:** consertava rádio de hotel de hotel
- 54 Dr. Oswaldo:** hum
- 55 Vitor:** consertava rádio dele =
- 56 Dr. Oswaldo:** = sei =
- 57 Vitor:** = saía na moto com ele, aí depois eu entrei em crise aí ele parou de me ensinar, puxa muito pela mente a eletrônica puxa muito pela mente, eu entendo pouco de rádio, televisão=
- 59 Dr. Oswaldo:** = humhum=
- 60 Vitor:** = conserto ventilador, conserto aspirador de pó entendo um pouco, aquelas peças de televisão  
conheço algumas=
- 62 Dr. Oswaldo:** = humhum=
- 63 Vitor:** = já trabalhei um bocadinho de tempo
- 64 Dr. Oswaldo:** então em oitenta e cinco=
- 65 Vitor:** = tudo na vida eu já trabalhei, sabe=
- 66 Dr. Oswaldo:** = em oitenta e cinco foi a primeira vez que você teve contato com a psiquiatria
- 67 Vitor:** foi, foi
- 68 Dr. Oswaldo:** e de oitenta e cinco pra cá já houve muitas internações=
- 69 Vitor:** = já, já, já tive no, tive no Rio Bonito, entendeu tive em Rio Bonito mas não por causa de alcoólico, bebida, droga porque droga chama droga, detesto droga, falou em droga pra mim oh você pode ser maior meu amigo você tá perto de mim e falar oh “tem um baseado aí?” aí eu oh eu não gosto falou em droga já está escrito oh droga é uma droga=
- 73 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 74 Vitor:** = detesto droga, fumo meu cigarrinho entendeu fico revoltado fico estressado quando falta meu

[dec]

cigarro não vou mentir pro senhor. Se faltar meu cigarro eu fico estressado entendeu então o que me acontece é isso. Você que ontem domingo ontem não eu tou mentindo ontem não foi domingo, domingo passado domingo passado agora, eu falei, para a assistente social ela sentou lá no banco comigo ( ) era onze horas eu falei “olha só tô precisando disso, disso, disso” quer dizer é um boné meu que tá escrito meu nome e endereço onde eu moro, um rádio meu, uma camisa do Brasil que eu jogava bola e um short branco do Brasil e um par de chuteira pra mim jogar uma bola, porque eu adoro jogar uma bola.

**82 Dr. Oswaldo:** você gosta de jogar bola=

**83 Vitor:** = é tudo de jogar bola oh o estilo das pernas =

**84 Dr. Oswaldo:** = humhum =

**85 Vitor:** = jogo uma bola danada jogo mesmo.

**86 Dr. Oswaldo:** mas então Vitor você tava me contando que já estive em vários lugares vários hospitais -

**87 Vitor:** tive, tive

**88 Dr. Oswaldo:** aonde você teve Rio Bonito essa Santa Catarina

**89 Vitor:** Rio Bonito, Rio Bonito só passei uma semana só

**90 Dr. Oswaldo:** Santa Catarina é em São Gonçalo, não é isso?

**91 Vitor:** é em São Gonçalo isso São Gonçalo você tem que ir até

**92 Dr. Oswaldo:** você mora aonde?

**93 Vitor:** perto das Sendas você tem que ir até o pronto socorro de São Gonçalo pegar a guia e ir pra lá

**94 Dr. Oswaldo:** = sei=

**95 Vitor:** = mas lá tinha karaokê pra gente cantar =

**96 Dr. Oswaldo:** = sei =

**97 Vitor:** = sabe o que é karaokê? =

**98 Dr. Oswaldo:** = sei =

**99 Vitor:** = tirava o primeiro lugar lá =

**100 Dr. Oswaldo:** = você tirou o primeiro lugar =

**101 Vitor:** = o primeiro lugar era eu

**102 Dr. Oswaldo:** você era o que cantava melhor

**103 Vitor:** contava melhor =

**104 Dr. Oswaldo:** = você mora lá em São Gonçalo? =

**105 Vitor:** = quando eu saí de lá, desculpe eu falar, dá licença, quando eu saí de lá todo mundo ficou chorando “pô o cantor vai embora” aí os pacientes veio tudo me abraçar todo mundo agora não vou guentiar como vou conseguir agarrar aquele monte de paciente “pô o cantor vai embora, acabou a alegria aqui”

**108 Dr. Oswaldo:** você mora lá em São Gonçalo? =

**109 Vitor:** = moro, não eu moro em não moro em São Gonçalo

**110 Dr. Oswaldo:** você mora aonde? =

**111 Vitor:** = eu moro na Rua Escobar, 84, São Cristóvão =

**112 Dr. Oswaldo:** = São Cristóvão =

**113 Vitor:** = ali onde tem aquele monte de loja que vende peça de carro =

**114 Dr. Oswaldo:** = hã =

**115 Vitor:** = então eu moro ali no oitenta e quatro, você pode ver que eu fico sentado na porta ali

**116 Dr. Oswaldo:** e você foi internar lá em São Gonçalo?

**117 Vitor:** fui internado em São Gonçalo =

**118 Dr. Oswaldo:** = São Gonçalo, Rio Bonito, longe assim de casa

**119 Vitor:** mas quando eu fui internado em Rio Bonito =

**120 Dr. Oswaldo:** = hum =

**121 Vitor:** = eu morava em Itaboraí =

**122 Dr. Oswaldo:** = ah tá =

**123 Vitor:** = certo, em Itaboraí que eu fui internado em Rio Bonito =

**124 Dr. Oswaldo:** = humhum =

- 125 Vitor:** = entendeu =
- 126 Dr. Oswaldo:** = você mora com quem aqui no Rio? =
- 127 Vitor:** = eu moro com dois irmãos =
- 128 Dr. Oswaldo:** = hum
- 129 Vitor:** mas eles são meio estourados sabe? eles arrumam os estresses deles lá fora e vem desabafar em cima de mim. Eu não sou desabafo de ninguém pô se eu trabalho sou uma médica né então você tá atendendo ali uns clientes tá os clientes ou você tem consultório psiquiátrico, aí você sai estressado de tanto maluco falar com você não sei o quê aí você começa a se estressá, aí meu negócio é esse quer dizer eles se estressa lá fora vem descarregar em cima de mim aí quer dizer eu não concordo com isso realmente eu não concordo eu acho realmente um troço errado se a pessoa quer desabafar, desabafa lá fora mas não desabafa no ouvido da gente que o ouvido da gente meu ouvido não agüenta mais
- 136 Dr. Oswaldo:** e aí teus irmãos trazem os estresses para casa
- 137 Vitor:** né = aí tem que trazer pra cá, sem o remédio em casa
- 138 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 139 Vitor:** = eu tomei ( ) 100 mg e vitamina, nunca tomei remédio brabo, já tive na Gávea, tive na Gávea, tive na Nossa Senhora da Vitória, Nossa Senhora da Vitória também cantava lá também lá tinha o palco deu cantar em cima, bonito pra caramba tapete assim vermelho com caixa de som grandona no canto assim oh eu cantava lá cantei também lá todo mundo gostava de mim quando eu saí de lá todo mundo sentiu falta
- 143 Dr. Oswaldo:** hum =
- 144 Vitor:** = entendeu, um microfone desse mesmo
- 145 Dr. Oswaldo:** foram quantas internações, você tem idéia Vitor?
- 146 Vitor:** ah no momento não, pra ser sincero com você eu não, no momento eu não tenho idéia não
- 147 Dr. Oswaldo:** mas todo ano? =
- 148 Vitor:** = não =
- 149 Dr. Oswaldo:** = tem períodos curtos
- 150 Vitor:** não eu passo às vezes dois anos, três anos, sem me internar =
- 151 Dr. Oswaldo:** = sem internar =
- 152 Vitor:** = fazendo música =
- 153 Dr. Oswaldo:** = a última vez foi quando? a última internação =
- 154 Vitor:** = a última vez foi em oitenta em cinco mesmo
- 155 Dr. Oswaldo:** não, essa não foi a primeira eu entendi assim
- 156 Vitor:** a primeira não a segunda foi em noventa e um
- 157 Dr. Oswaldo:** e antes dessa de agora você estava quanto tempo sem internar
- 158 Vitor:** antes dessa agora eu já vim de outra clínica =  
[acc]
- 160 Dr. Oswaldo:** = ah você já veio de outra clínica pra cá =
- 161 Vitor:** = não eu vim de outra clínica assim o meu irmão foi me apanhar lá =
- 162 Dr. Oswaldo:** = hã =
- 163 Vitor:** = Santa Catarina =
- 164 Dr. Oswaldo:** = hã =
- 165 Vitor:** = aí eu entrei em crise de novo ele me trouxe pra cá
- 166 Dr. Oswaldo:** ah, pouco tempo depois você entrou em crise de novo
- 167 Vitor:** mas tinha três semanas que eu tinha saído de lá =
- 168 Dr. Oswaldo:** = ah tá foi pouquinho tempo então =
- 169 Vitor:** = quinze dias =
- 170 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 171 Vitor:** = aí eu entrei em crise entendeu entrei em crise até lá na clínica entrei em crise o médico me deu alta =
- 172 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 173 Vitor:** = aí cortou meu remédio, que eu só tomo calmante e vitamina, aí o médico foi e cortou meu calmante aí entrei em crise lá =
- 175 Dr. Oswaldo:** = sei =

- 176 Vitor:** = aí foi, não vou mentir não vou mentir pro senhor eu quebrei um negócio lá na clínica lá quebrei uns vidros lá e tudo claro por causa da crise =
- 178 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 179 Vitor:** = porque todo paciente que é lúcido ele jamais vai fazer isso mas ele ficar ele vai depender daquele remédio entendeu aquele remédio é tipo uma droga se ele num num tomar aquele remédio direitinho quer dizer se não passar o remédio direitinho mesmo o médico que te dá ele vai fazer besteira se ele ficar oh uma semana oh se eu ficar cinco dias sem meu calmante eu começo a quebrar tudo que tem dentro daqui mas eu tendo meu remédio ali tendo minha casa própria mesmo e tendo meu remedinho direito eu vou lá e tomo, almoço, janto e tal limpo a casa limpo tudo ( ) dormir tomo meu remédio vou dormir gosto de andar na rua de madrugada não vou mentir eu gosto mesmo não vou mentir não tenho medo eu não tenho medo de levar um tiro não tenho medo de nada =
- 186 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 187 Vitor:** = porque o cantor é aparecer mesmo, o que que adianta você ser um cantor e ficar dentro de casa como é que a população vai te conhecer você como cantor né não tem condição=
- 189 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 190 Vitor:** = e o meu irmão fala “*não fica aí trancado*” pô ficar trancado, não sou passarinho, até o passarinho quer uma liberdade coitado né, aquilo me estressa aí vai me estressando =
- 192 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 193 Vitor:** = aí todo mundo chega “*cantor tá aí*” não não tem cantor aqui não ah o que eles fala é isso =
- 194 Dr. Oswaldo:** = e você chegou aqui que dia, Vitor, aqui no Instituto de Psiquiatria
- 195 Vitor:** [ chegoui... cheguei sábado =
- 196 Dr. Oswaldo:** = sábado =
- 197 Vitor:** = lá no pinel =
- 198 Dr. Oswaldo:** = lá no pinel =
- 199 Vitor:** = é =
- 200 Dr. Oswaldo:** = foi teu irmão que te levou pra lá? =
- 201 Vitor:** = foi, foi meu irmão, aí passei sábado, domingo, segunda, terça, quando foi na terça me trouxeram pra cá .. não na terça .. foi na terça na terça, quarta e quinta é tá com com segunda, terça, quarta, quinta, quatro dias =
- 203 Dr. Oswaldo:** = humhum, e você já tinha estado aqui nesse hospital antes? =
- 204 Vitor:** = já já
- 205 Dr. Oswaldo:** no Instituto de Psiquiatria =
- 206 Vitor:** = já mas não foi aqui nesse local não aonde vocês me colocaram ali é terrível aquilo é terrível eu quero sair dali realmente não dá para ficar ali não =
- 208 Dr. Oswaldo:** = porque é muita agitação =
- 209 Vitor:** = muita bagunça, muito palavrão, eu não gosto de palavrão entendeu eu gosto do respeito =
- 210 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 211 Vitor:** = eu quero até com ela eu falei com ela (o paciente dirige-se para a pesquisadora) inclusive com ela aí pra ver se ela consegue me retirar daquele local lá me colocar num local mais mais uma pessoa que tenha a mente mais desenvolvida e saiba conversar =
- 214 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 215 Vitor:** = você vai conversar com um maluco daqui a pouco ele está falando besteira aí num =
- 216 Dr. Oswaldo:** = e já você não conseguiu conversar com ele
- 217 Vitor:** [ aí me irrita sabe me irrita, começa a mexer nas minhas coisas minhas coisas bem arrumadinha lá começa a mexer nas minhas coisas e aí vai me irritando =
- 219 Dr. Oswaldo:** = humhum e Vitor você fora das internações você fazia tratamento de ir a consulta com médico num ambulatório =
- 221 Vitor:** = fazia tenho o meu médico=
- 222 Dr. Oswaldo:** = você tem um médico=
- 223 Vitor:** = tenho Dr. André =
- 224 Dr. Oswaldo:** = [ aonde que ele é?
- 225 Vitor:** [ meu psiquiatra=
- 226 Dr. Oswaldo:** = aonde que ele trabalha?

- 227 Vitor: trabalha lá em São Cristóvão
- 228 Dr. Oswaldo: é consultório particular
- 229 Vitor: naquele posto que tem ali, o senhor deve conhecer
- 230 Dr. Oswaldo: ah, o posto
- 231 Vitor: o posto é em São Cristóvão o posto de saúde =
- 232 Dr. Oswaldo: = e aí você tem
- 233 Vitor: perto da praça de quem tá indo pra Quinta da Boa Vista ele é meu médico =
- 234 Dr. Oswaldo: = e aí você tem consulta
- 235 Vitor: Dr. André=
- 236 Dr. Oswaldo: = com ele com que frequência? =
- 237 Vitor: = só com ele só =
- 238 Dr. Oswaldo: = com que frequência você vai vê-lo? uma vez por mês
- 239 Vitor: eu vou quando acaba o remédio =
- 240 Dr. Oswaldo: = hum =
- 241 Vitor: = às vezes ele passa dez, duas caixas né =
- 242 Dr. Oswaldo: = hum =
- 243 Vitor: = quando acaba o remédio eu vou fazer entrevista com ele =
- 244 Dr. Oswaldo: = hum =
- 245 Vitor: = “Não Vitor você tá legal tá fazendo direitinho vou passar duas caixas” daí passa duas caixas eu vou e compro e tomo
- 247 Dr. Oswaldo: sei e em casa você só tomava
- 248 Vitor: e assim vou levando =
- 249 Dr. Oswaldo: = o Neoside =
- 250 Vitor: = só Neoside, só Neoside e vitamina
- 251 Dr. Oswaldo: era o remédio que ele passava
- 252 Vitor: não dá remédio pra mim pelo amor de Deus não se a minha língua embolar como é que eu vou cantar dá um remédio brabo minha língua começa a embolar aí aí não dá certo =
- 254 Dr. Oswaldo: = humhum
- 255 Vitor: estavam me dando Aldol aí oh eu não posso com Aldol, Aldol enrola a língua =
- 256 Dr. Oswaldo: = você já tomou Aldol antes? =
- 257 Vitor: = eles tavam me dando Aldol aí rapaz não pode dá esse remédio pra mim não rapaz =
- 258 Dr. Oswaldo: = eu sei mas você já tinha tomado Aldol antes?
- 259 Vitor: não nunca tomei na minha vida nunca nunca =
- 260 Dr. Oswaldo: = hum =
- 261 Vitor: = jamais, jamais eu tomei Aldol
- 262 Dr. Oswaldo: humhum
- 263 Vitor: nunca tomei
- 264 Dr. Oswaldo: Vitor conta um pouquinho da tua história assim do passado, da infância, você nasceu num sítio lá no Ceará =
- 266 Vitor: = é nasci num sítio né porque a minha mãe, primeiro morava no Maranhão né =
- 267 Dr. Oswaldo: = hum =
- 268 Vitor: = aí do Maranhão nós viemos pro sítio do meu avô meu avô vendeu um boi dele vendeu um boi porque lá tinha muito gado aí falou “vou mandar buscar minha filha” aí mandou uma mulher apanhar minha mãe no Maranhão já ouviu falar no Maranhão né? =
- 271 Dr. Oswaldo: = claro=
- 272 Vitor: = aí vinha de pau de arara sabe o que é pau de arara? =
- 273 Dr. Oswaldo: = humhum =
- 274 Vitor: = não tinha ônibus era um caminhão, viajamos de caminhão do do Maranhão até a minha cidade entendeu, aí o que aconteceu aí fiquei por lá entendeu aí fiquei por lá eu novinho eu dentro de um balaio eu tinha uma doença tão grande nas pernas que minhas pernas enrolava enrolava uns pano assim oh entendeu uma doença que de umas pernas graças a Deus eu fiquei bom as pernas enrolava assim oh graças a Deus tá aqui oh firme e forte entendeu aí a gente viajou viajou pra lá quando chegou na cidade aí quando foi com um ano mais ou menos minha mãe, meu pai viajou para São Paulo meu pai é sumido não sei se é vivo não sei se é morto quem criou os filhos foi minha mãe =
- 281 Dr. Oswaldo: = ele veio para São Paulo aí não deu mais notícia

- 282 Vitor:** é aí veio para São Paulo e não assumiu a família né aí deixou começou a empurrar o pé na jaca com uma galinha e outra
- 284 Dr. Oswaldo:** humhum
- 285 Vitor:** desculpe o palavrão entendeu aí não ligava para família fazia compras direitinho não deixava faltar nada mas bebia muito =
- 287 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 288 Vitor:** = aí um dia ele sumiu arrumou uma mulher lá Francisca minha mãe chama Francisca “Francisca isso aqui é para ajudar vocês dentro de casa aí fazer as coisas” aí minha mãe ficou meia cabreira “ué mas tem alguma coisa errada” o cara meu pai já safado mesmo, eu digo que ele é safado mesmo entendeu, não vale nada aí deixou deixou minha mãe de lado e sumiu com a outra, quando foi três horas da manhã sumiu mais outra e deixou minha mãe lá cuidando dos filhos, seis filhos =
- 293 Dr. Oswaldo:** = seis filhos =
- 294 Vitor:** = eu que fui trabalhar eu e meu irmão Valdir eu agradeço muito meu irmão não tenho nada que dizer dele ele ajudou muito entendeu eu que agradeço ele eu e outro
- 296 Dr. Oswaldo:** vocês são os mais velhos?
- 297 Vitor:** não o mais velho sou eu
- 298 Dr. Oswaldo:** você é o mais velho dos seis =
- 299 Vitor:** = é dos seis nós somos seis vivos minha mãe teve quatorze filhos=
- 300 Dr. Oswaldo:** = tua mãe teve quatorze filhos, caramba
- 301 Vitor:** é
- 302 Dr. Oswaldo:** e dos vivos você é o mais velho
- 303 Vitor:** dos vivos só tem seis
- 304 Dr. Oswaldo:** você é o mais velho=
- 305 Vitor:** = sou o mais velho
- 306 Dr. Oswaldo:** ou outros que morreram eram crianças
- 307 Vitor:** no Maranhão, doença no Maranhão febre amarela, afitose, febre amarela ( ) febre amarela aquela catapora, aquelas doenças brabas de antigamente né =
- 309 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 310 Vitor:** = morreu seis irmão meu o mais velho que morreu era pra tá com sessenta e poucos anos
- 311 Dr. Oswaldo:** e aí você foi criado no interior do Ceará
- 312 Vitor:** não eu trabalhei no Ceará passei dois anos lá só, mais é Rio – São Paulo - Rio – São Paulo
- 313 Dr. Oswaldo:** você veio pro Rio com que idade? Você já era crescido quando você veio =
- 314 Vitor:** = não, dois anos de idade =
- 315 Dr. Oswaldo:** = ah, você veio com dois anos de idade
- 316 Vitor:** não dois anos de idade para São Paulo tô misturando as bolas
- 317 Dr. Oswaldo:** pra São Paulo vocês foram para São Paulo
- 318 Vitor:** dois anos de idade para São Paulo, de São Paulo saí com dezoito anos
- 319 Dr. Oswaldo:** hum =
- 320 Vitor:** = para servi o quartel =
- 321 Dr. Oswaldo:** = então você foi criado em São Paulo né =
- 322 Vitor:** = fui criado em São Paulo=
- 323 Dr. Oswaldo:** = você estudou em São Paulo? =
- 324 Vitor:** = estudei =
- 325 Dr. Oswaldo:** = estudou até que série Vitor ? =
- 326 Vitor:** = até a 5ª série ginásial =
- 327 Dr. Oswaldo:** = humhum e você começou a trabalhar com que idade lá em São Paulo?
- 328 Vitor:** ah eu comecei a trabalhar com oito anos
- 329 Dr. Oswaldo:** o que você fazia?
- 330 Vitor:** carregando bolsa para as madames
- 331 Dr. Oswaldo:** na feira? =
- 332 Vitor:** = na feira, feira não supermercado japonês=
- 333 Dr. Oswaldo:** = sei =
- 334 Vitor:** = Parque Dom Pedro =
- 335 Dr. Oswaldo:** = humhum =

- 336 Vitor:** = você deve conhecer
- 337 Dr. Oswaldo:** aí você carregava bolsa para madames aí
- 338 Vitor:** é as compras, as compras =
- 339 Dr. Oswaldo:** = aí você ajudava tua mãe em casa =
- 340 Vitor:** = é chegava lá ela me dava roupa essas coisas eu levava uma comidinha para os meus irmãos entendeu =
- 341 Dr. Oswaldo:** =hum
- 342 Vitor:** eu criava meus irmãos
- 343 Dr. Oswaldo:** sei=
- 344 Vitor:** = eu tenho uma irmã em São Paulo tem muitos muitos anos que eu não vejo ela muitos anos mesmo ah ela se chama é Janira não Janira mora no Ceará minha irmã sei sei Ivone, Ivone o nome dela é Ivone tem muitos anos que eu tenho vontade de ver ela minha irmã entendeu é minha irmã assim né que eu não vou mentir se eu mentir eu tô mentindo pra Deus é irmã de um causo que minha mãe teve sabe =
- 348 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 349 Vitor:** = porque minha mãe teve um causo aí com um cara aí né depois que o meu pai largou ela então o cara judiava muito da minha mãe =
- 351 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 352 Vitor:** = metia a cabeça dela numa numa vara assim que a ( ) descia =
- 353 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 354 Vitor:** = era violento sabe, estressado é... uma vez ele enfiou a cabeça da minha mãe num guarda-louça eu pequenininho rapaz pedi pra chamar um rádio patrulha pra levar minha mãe pro hospital senão minha mãe tinha morrido cortou os pulsos da minha mãe o cara não vale nada é irmão eh esse irmão Flávio é irmão por parte de outro pai e essa Ivone a Ivone é filha de de de outro cara também eu tô doido pra ver esse cara entendeu eu não sei eu não sei como é ele não mas eu tenho a esperança de ver ele na cadeia ainda porque ele fez isso com a minha mãe entendeu mata puxava os cabelos da minha mãe assim com licença ele tava puxando eu puxei ele assim oh né o cabelo da minha mãe na parede isso é isso não se faz com ninguém minha mãe coitada trabalha pra caramba cuidando dos filhos quando ele chegava tinha que dar o dinheiro para ele entendeu o Valdir dava o dinheiro, o cigarro a gente trazia um arroz, trazia um feijão, trazia uma batata catava por lá né pra não morrer de fome entendeu? a gente levava pra casa roupa as madames dava a gente levava pro irmão entendeu e a vida a gente continuava né quer dizer mas o cara não trabalhava trabalhava numa lareira de fazer tijolo trabalhava três dias quatro dias abandonava o emprego, só nas minhas custas e nas custas do meu irmão quem criou essa Ivone foi eu e meu irmão, leite fralda roupa tudo=
- 367 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 368 Vitor:** = ele não dava nem uma chupeta uma mamadeira pra criança foi eu e meu irmão que tava trabalhando pra sustentar a fami, os irmãos entendeu é::: quem criou quem criou a minha irmã a Fátima que mora em Copacabana foi meus avós mas meus avós já falecidos=
- 371 Dr. Oswaldo:** = teus avós pais da tua mãe =
- 372 Vitor:** = pais da minha mãe
- 373 Dr. Oswaldo:** humhum
- 374 Vitor:** mas são falecidos já=
- 375 Dr. Oswaldo:** = a tua mãe é viva ainda =
- 376 Vitor:** = a minha mãe graças a Deus é
- 377 Dr. Oswaldo:** ela vive aonde, em São Paulo? =
- 378 Vitor:** = Fortaleza =
- 379 Dr. Oswaldo:** = Fortaleza. Ah ela voltou pra lá
- 380 Vitor:** tá em Fortaleza
- 381 Dr. Oswaldo:** humhum.você tem uma irmã em Fortaleza e tua mãe também
- 382 Vitor:** tenho... minha mãe ta lá também.
- 383 Dr. Oswaldo:** e os outros irmãos tão aonde? =
- 384 Vitor:** = tem um aqui a Fátima que mora em Copacabana =
- 385 Dr. Oswaldo:** = hum =

- 386 Vitor:** = tem a Janira que mora no Ceará são e a Bahia, a Maria eu chamo de Bahia porque o apelido dela é Bahia mas se chama Maria =
- 388 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 389 Vitor:** = ela mora em Fortaleza com a minha mãe =
- 390 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 391 Vitor:** = os meus sobrinhos lá tem a Fátima que mora em Copacabana tem eu, Vitor Ferreira Gomes Neto Compositor e tem o Flávio Ferreira Gomes e o Valdir Ferreira Gomes =
- 393 Dr. Oswaldo:**  $\left\{ \begin{array}{l} \text{é esses moram com você?} \\ \text{Fátima Ferreira Gomes, Maria Ferreira Gomes, Jandira Ferreira} \end{array} \right.$
- 394 Vitor:**  $\left\{ \begin{array}{l} \text{Gomes, a Jandira Ferreira Gomes sabe o que ela é lá no Ceará, é professora =} \end{array} \right.$
- 396 Dr. Oswaldo:** = humhum
- 397 Vitor:** tem uma cabeça fora do comum, a cabeça dela não é uma cabeça é um computador é igual a minha=
- 398 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 399 Vitor:** = é um computador
- 400 Dr. Oswaldo:** e você mora então com o Flávio e com o Valdir =
- 401 Vitor:** = é, mas eu não tão eu não tô me dando bem com eles não
- 402 Dr. Oswaldo:** mas então voltando a São Paulo aí com dezoito anos você foi servir o exército =
- 403 Vitor:** = dezoito anos eu peguei a reservista entendeu aí minha mãe tinha que vir pro Rio falou “você vão pro Rio” falei “tudo bem, vamos” aí comprei umas passagens ajeitei minhas malas queria catar a vidinha no mundo dela entendeu aí nós se mandemos aí foi lá falei com o tenente do exército ele falou “oh você não vai virar bandeira aqui você vai viajar nós vamos mandar uma carta de referência quando você chegar lá no quartel no Rio vai virar bandeira lá no fórum” no fórum no Leme ali virei bandeira ali entendeu=
- 408 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 409 Vitor:** = aí virei bandeira servi na reservista, molhei meus documentos perdeu tudo sabe o que é que eu tenho de documento?
- 411 Dr. Oswaldo:** não =
- 412 Vitor:** = só o registro de nascimento tá lá na Nossa Senhora da Vitória, Santa Catarina ficou lá eu tenho que ir lá apanhar
- 414 Dr. Oswaldo:** sei =
- 415 Vitor:** = mas cadê oh eu tô precisando de comprar uma roupa pra mim fazer um show não tenho =
- 416 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 417 Vitor:** = entendeu, fazer um show diferente sabe um sapato velho eu não tenho tô pobrezinho eu faço show devagarzinho chego lá devagarzinho eu chego lá
- 419 Dr. Oswaldo:** humhum. Aí com dezoito você veio pro Rio, né? =
- 420 Vitor:** = vim pro Rio =
- 421 Dr. Oswaldo:** = aí  $\left\{ \begin{array}{l} \text{aqui no Rio você fez o quê?} \\ \text{aí trabalhei de copeiro, trabalhei de cozinheiro trabalhei de faxineiro de} \end{array} \right.$
- 422 Vitor:**  $\left\{ \begin{array}{l} \text{prédio trabalhei com obra enfrentei tudo na vida =} \end{array} \right.$
- 424 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 425 Vitor:** = obra .. trabalhei de faxineiro de prédio, obra, cozinheiro, ajudante de cozinha, copeiro é até varrer rua eu varri, virei posto de gasolina =
- 427 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 428 Vitor:** = tudo na vida =
- 429 Dr. Oswaldo:** = e aqui no Rio você sempre morou com teus irmãos
- 430 Vitor:** sempre morei com meus irmãos
- 431 Dr. Oswaldo:** lá em são Cristóvão mesmo ou já moraram em outros lugares =
- 432 Vitor:** = não já moramos em outro lugares já =
- 433 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 434 Vitor:** = uma vez lá que nós ali na ... onde tem o quartel tem o hospital do exército
- 435 Dr. Oswaldo:** = sei Benfica =
- 436 Vitor:** =Benfica isso moremos ali num prediozinho branco ali entendeu nós moremos lá na rua na rua Pereira da Silva, Pereira da Silva não lá em São Cristóvão acho que é mesmo aquela rua que sobe direto que tem um posto de gasolina de esquina =

- 439 Dr. Oswaldo:** = sei
- 440 Vitor:** é a Pereira da Silva ali é na rua Pereira da Silva no prédio cor de rosa lá em cima a gente morou lá também =
- 441 Dr. Oswaldo:** = humhum
- 442 Vitor:** já morei em Itaboraí entendeu nós já moramos em Itaboraí já morei em Itaboraí também =
- 443 Dr. Oswaldo:** = mas sempre com os irmãos sempre com a família =
- 444 Vitor:** = sempre com os irmãos .. não em Itaboraí eu morava com a minha mãe =
- 445 Dr. Oswaldo:** = hum, mas sempre com alguém da família =
- 446 Vitor:** = sempre com alguém da família, sempre com a minha mãe, minha mãe cuidava de mim =
- 447 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 448 Vitor:** = por isso que eu tô .. sentindo falta dela por isso que eu chorei aqui porque tem cinco anos que eu não vejo minha mãe, mais de cinco anos =
- 450 Dr. Oswaldo:** = você nunca mais voltou lá no Ceará? =
- 451 Vitor:** = nunca mais voltei porque lá não tivesse condição =
- 452 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 453 Vitor:** = não tenho patrão tô ferrado =
- 454 Dr. Oswaldo:** = e você tá
- 455 Vitor:** = comecei a crescer na vida agora =
- 456 Dr. Oswaldo:** = você tá sem trabalhar há algum tempo Victor =
- 457 Vitor:** = tô tô sem trabalhar tô vivendo só da música só
- 458 Dr. Oswaldo:** = e o que que você faz na música? você compõe você canta? =
- 459 Vitor:** = é componho né aí que eu vejo tocar nos rádio e tal mas a gravadora não me reconheceu ainda eu não arrumei nem um empresário ainda eu tenho que arrumar um empresário =
- 461 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 462 Vitor:** = entendeu pra mim oh né sabe o que é isso né
- 463 Dr. Oswaldo:** = o que é isso?
- 464 Vitor:** = é dinheiro no bolso =
- 465 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 466 Vitor:** = quero comprar uma roupa tem que comprar um sapato tem =
- 467 Dr. Oswaldo:** = você falou que queria comprar uma roupa para fazer um show, você já fez show Vitor =
- 468 Vitor:** = já =
- 469 Dr. Oswaldo:** = aonde você fez show? =
- 470 Vitor:** = São Cristóvão =
- 471 Dr. Oswaldo:** = São Cristóvão .. aonde na feira?
- 472 Vitor:** = na feira
- 473 Dr. Oswaldo:** = é mesmo
- 474 Vitor:** = cantei a noite todinha lá =
- 475 Dr. Oswaldo:** = e aí ganhou um dinheirinho nesse dia =
- 476 Vitor:** = ganhei nada sabe o que eles faz? =
- 477 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 478 Vitor:** = eles coloca um CD lá entendeu porque lá você pode colocar o CD aí coloca o CD lá aí coloca só o CD aí eu faço o ritmo o CD puro sem sem tá tocando só toca mesmo a melodia aí eu faço o som e vai o que eles faz chega aqui canta dez música quinze música vinte música chega aqui arranja o CD bota pra lá entendeu vai vender não me dá nem nem dez centavos assim não vale desse jeito isso é um dom de Deus né foi um dom que Deus me deu eu não posso desistir desse dom entendeu mas por eles eu acho que é uma sacanagem fazer um negócio desse comigo porque depois que eu cantei saí gravando entendeu
- 484 Dr. Oswaldo:** = e você já compôs muitas músicas? =
- 485 Vitor:** = já três mil e poucas =
- 487 486 Dr. Oswaldo:** = três mil e poucas e alguém
- 488 Vitor:** = três mil quinhentas e poucas =
- 489 Dr. Oswaldo:** = e algum cantor conhecido já gravou alguma música tua? =

- 490 Vitor:** = já, Baston Galeno, Genival Santos é: muitos cantores muitos cantores é muitos cantores na minha cabeça .. finado Raul Seixas entendeu =
- 492 Dr. Oswaldo:** = também gravou música tua? =
- 493 Vitor:** “mamãe não quer que eu seja eleito se um dia eu for prefeito pode alguém querer me assassinar eu não consigo ler jornais se nada disso eu sou capaz não quero morrer pendurado numa cruz eu não sou besta pra tirar onda de herói sou vacinado sou cawbói cawbói fora da lei”
- 496 Dr. Oswaldo:** essa música é tua?
- 497 Vitor:** é
- 498 Dr. Oswaldo:** Raul Seixas gravou mais é tua, humhum.. e você não ganhou nada com isso?
- 499 Vitor:** até agora nada
- 500 Dr. Oswaldo:** e como é que você compõe Vitor, você toca violão, você compõe no violão? =
- 501 Vitor:** = não =
- 502 Dr. Oswaldo:** = você compõe de cabeça =
- 503 Vitor:** = componho só no dom só só no dom
- 504 Dr. Oswaldo:** e aí você guarda na tua cabeça as tuas músicas todas ..você escreve as letras também? =
- 505 Vitor:** = não, não escrevo não =
- 506 Dr. Oswaldo:** = você guarda tudo que você compõe?
- 507 Vitor:** não aprendi a escrever, guardo tudo na memória
- 508 Dr. Oswaldo:** essas três mil e poucas músicas você lembra =
- 509 Vitor:** = tudo na memória ... no momento não dá pra lembrar porque é muita música =
- 510 Dr. Oswaldo:** = hum =
- 511 Vitor:** = entendeu, eu tô com fome e quero ir almoçar
- 512 Dr. Oswaldo:** quer ir almoçar, a gente vai encurtar então a nossa conversa aqui =
- 513 Vitor:** = tô com fome mesmo =
- 514 Dr. Oswaldo:** = pra você ir almoçar, pera aí pera aí, só mais um pouquinho pode esperar só mais um pouquinho, pode ser ? =
- 515 Vitor:** que horas tem por gentileza? =
- 516 Dr. Oswaldo:** = são 11:30 =
- 517 Vitor:** = então já perdi o almoço =
- 518 Dr. Oswaldo:** = não, vão guardar pra você, perder não pode, pode ficar mais dez minutinhos? =
- 519 Vitor:** = cinco minutos não tá bom não? =
- 520 Dr. Oswaldo:** = cinco minutos, tá bom então e vem cá Vitor, aí eu queria saber um pouquinho de como é que você fica nessas ocasiões que você é internado você falou que fica incomodado com o que as pessoas ficam falando
- 523 Vitor:** não, fico alegre =
- 524 Dr. Oswaldo:** = fica alegre =
- 525 Vitor:** = fico alegre é você tá no hospital entendeu, você faz amizade com todo mundo =
- 526 Dr. Oswaldo:** = você fica bem disposto =
- 527 Vitor:** = é bem disposto entendeu =
- 528 Dr. Oswaldo:** = você dorme pouco =
- 529 Vitor:** = dorme pouco também durmo pouco não vou mentir durmo pouco mesmo =
- 530 Dr. Oswaldo:** = humhum =
- 531 Vitor:** = quando é =
- 532 Dr. Oswaldo:** = com muita disposição para fazer as coisas
- 533 Vitor:** muita isso isso isso =
- 534 Dr. Oswaldo:** = muito falante =
- 535 Vitor:** = é =
- 536 Dr. Oswaldo:** = mas já teve vez de você ficar triste ou ficar muito triste =
- 537 Vitor:** = ah teve teve =
- 538 Dr. Oswaldo:** = já aconteceu isso? =
- 539 Vitor:** = teve =
- 540 Dr. Oswaldo:** = já foi internado alguma vez por causa disso? =
- 541 Vitor:** = já fui internado e ficar triste sabe por quê? =

**542 Dr. Oswaldo:** = hum =

**543 Vitor:** = porque realmente eu não recebia visita eu passei 4 meses na Nossa Senhora da Vitória =

**544 Dr. Oswaldo:** = hum =

**545 Vitor:** = Santa Catarina aliás desculpe, Santa Catarina sem ter uma visita quando foi com quatro meses que os meus irmãos foram aparecer lá eu dependia do cigarro tinha que fazer meus negócios lá dentro trocar chinelo né dois chinelos era um maço de cigarro entendeu troca o chinelo “aí dá um maço de cigarro por esse par de chinelo aí” só para não ficar sem cigarro, tinha uma roupa trocava também né pra não ficar sem fumar quatro mês sem receber uma visita do meu irmão quando deu quatro mês e dezenove dias faltava um dia pra quatro mês que ele foi lá levar, foi lá o Flávio esse que me internou aqui que foi lá realmente ele fez uma presença pra mim, mas o outro irmão não, me sacaneou outro meu irmão o Valdir, me sacaneou legal... ele assinou uma guia lá e não levou nada pra mim e aqui lá vai dando aquele estress na pessoa, você já pensou todo mundo todos esses pacientes que estão ali receber uma visita e você não receber ninguém quatro mês aquilo estressa a pessoa entendeu =

**554 Dr. Oswaldo:** = humhum =

**555 Vitor:** = aquilo estressa aí você depende dos amigos pra pra realmente fumar um cigarro porque o cigarro eu não deixo mesmo e minha religião também não deixo não

**557 Dr. Oswaldo:** qual é a tua religião? ... você vai ao culto? =

**558 Vitor:** = vou o tempo que eu posso eu vou

**559 Dr. Oswaldo:** lá perto da tua casa =

**560 Vitor:** = perto da minha casa na Universal do Reino de Deus =

**561 Dr. Oswaldo:** = humhum =

**562 Vitor:** = eu tô com vontade de gravar um CD para a Universal

**563 Dr. Oswaldo:** você compõe música religiosa também?

**564 Vitor:** ainda vou gravar, não ainda não no momento não só música popular brasileira =

**565 Dr. Oswaldo:** = humhum =

**566 Vitor:** = mas tenho vontade eu tô com esse dom dentro de mim também ( ) =

**567 Dr. Oswaldo:** = sei =

**568 Vitor:** = Valmara e aqueles dois cantores =

**569 Dr. Oswaldo:** = humhum =

**560 Vitor:** = agora eu tô com fome =

**561 Dr. Oswaldo:** = então tá vai lá Vitor, obrigado heim.

(FIM DA ENTREVISTA)

## Anexo 3

### Entrevistas com o médico – Entrevista de pesquisa 1, Entrevista de Pesquisa 2 e Entrevista de Pesquisa 3

#### Entrevista de Pesquisa 1

1 **TÂNIA:** Como você se vê nessas entrevistas?=-

2 **Dr. OSVALDO:** então essa história da entrevista... vamos falar baixo pra não=-

3 **TÂNIA:** =é=-

4 **Dr. OSVALDO:** =a história da entrevista, por que eu prefiro fazer entrevistas com os pacientes das minhas médicas?... porque de alguma maneira é... mesmo que eu não esteja atendendo, eu tô envolvido no tratamento deles... então, eu acho que não teria muito sentido pegar qualquer paciente e fazer uma entrevista MERAMENTE demonstrativa...é claro que essa entrevista que eu faço realmente não é terapêutica, mas de alguma forma me esclarece uma série de coisas, eu tenho mais elementos para discutir com elas, pacientes que muitas vezes já me conheceram na supervisão, já me conheceram pelas médicas, então, eu acho que já tem um mínimo de vínculo que permita essa aproximação. Então, é nesse sentido que eu acho a entrevista tem algum sentido se feita com esses pacientes, embora eu ache que eu não FAÇA PARTE do tratamento deles DIRETAMENTE. Indiretamente sim porque assim... tem elementos novos ou elementos que eu confirmo das coisas que a gente já vinha discutindo.

15 **TÂNIA:** quais são as diferenças entre entrevistas realizadas por médicos com diferentes formações/posturas teóricas?

17 **Dr. OSVALDO:** é na verdade eu não sei ... na entrevista... pelo menos na entrevista psiquiátrica essa diferença é menos... é claro que tem diferenças no sentido que uma pessoa que é orientada mais pra uma coisa mais fisicalista talvez privilegie menos aspectos da estória da pessoa, então, vai privilegiar um corte mais transversal e possivelmente uma exploração com exames complementares fora do contexto da entrevista. E eu acabo, apesar de não negligenciar isso por achar que isso é relevante, eu nunca deixo de querer colocar esses sintomas no contexto, no presente, no resto da vida do sujeito. Eu acho que essa é a única diferença que na entrevista acontece...porque do ponto de vista da SEMIOLOGIA grosseiramente falando não tem tanta diferença entre uns e outros, né? Porque na verdade a semiologia psiquiátrica acaba sendo a mesma, a terminologia é muito semelhante. Acho que conta mais é como você valoriza esses achados e a que que você remete. Nesse modelo mais psi como você está chamando e é por isso que eu prefiro fazer com os pacientes das minhas médicas essa dimensão transferencial é muito importante. Então não é assim você pegar qualquer um e você faz para efeito de demonstração....

31 **TÂNIA:** hum.hum

32 **Dr. OSVALDO:** Esse vínculo existente ou que você quer formar, pelo menos, é uma dimensão relevante. Então, claro que alguns desses pacientes me viram uma vez, não se lembram muito de mim, outros me viram várias vezes e se reportam a mim de uma maneira importante. O Marcos Eduardo é uma pessoa que sabe que eu sou supervisor da Michele, sempre se reporta a mim quando me encontra; os outros dois depois daquele dia nem falam comigo, é como se eu não tivesse muito lugar no tratamento deles. Então isso varia muito: dependendo do tipo de paciente, dependendo do número de vezes que eles foram à supervisão, dependendo às vezes do INVESTIMENTO do médico nesse paciente, no lugar que eu ocupo na ( ) desse

médico com relação a esse paciente. “Ah, não vamos levar para a supervisão, vou conversar com o supervisor”, então eles sabem da existência, então bem ou mal acaba se criando um certo VÍNCULO, mesmo que indireto tem um certo vínculo que é diferente quando é o médico que está acompanhando desde o começo, mas aí se vale a pena fazer as duas ou só com o médico que está assistindo. Com o supervisor, você perde a dimensão transferencial, da relação médico paciente=

- 46 **TÂNIA:** =eu tinha que mostrar outra relação=  
 47 **Dr. OSVALDO:** =tem que ver qual é o teu objetivo, o que que você quer investigar=  
 48 **TÂNIA:** =lembra que a gente tinha conversado antes eu queria ver o percurso  
 49 **Dr. OSVALDO:** hum..hum  
 50 **TÂNIA:** já não aconteceu em função dessas variáveis todas que a gente tem ...uma coisa é eu ter o gravador lá em baixo..a Viviane pegou dois pacientes rapidinho fomos à enfermaria... aí ela liga...  
 52 **Dr. OSVALDO:** hum..hum  
 53 **TÂNIA:** então é uma coisa mais....que você domina mais..agora isso...fala com você..fala com o paciente..reservo sala..Enéias não veio..quer dizer...tem uma série de coisas que acabam atrapalhando um pouco  
 56 **Dr. OSVALDO:** hum..hum  
 57 **TÂNIA:** aquele objetivo inicial.. então Oswaldo pra mim... é muito IMPORTANTE fazer o trabalho..então a partir dos dados..eu acho...desses dados que a gente tem eu acho que muita coisa interessante pode aparecer...e aquele objetivo inicial...porque esse eu acho pensar em pegar o paciente de novo, pegar o médico....esse paciente pode não estar mais aqui=  
 61 **Dr. OSVALDO:** =pode não estar mais aqui  
 62 **TÂNIA:** =semana que vem=  
 63 **Dr. OSVALDO:** =pode ser=  
 64 **TÂNIA:** pois é  
 65 **Dr. OSVALDO:** =a entrevista... se for uma entrevista redundante...o paciente pode se irritar, se desgastar, não querer responder..isso vai enviezar o resultado da entrevista=  
 67 **TÂNIA:** =um deles até disse “Não..eu já fiz muitas entrevistas...não quero fazer mais..já fiz entrevista no Pinel, já fiz entrevista aqui...então não quero fazer” ...quer dizer tem uma série de coisas né?  
 69 **Dr. OSVALDO:** hum..hum  
 70 **TÂNIA:** então você acha que de repente é mais...é mais....é mais fácil...eu trabalhar..quer dizer é mais fácil nesse sentido... né? não ter o desgaste para o paciente..de repente já ter até uma outra variável que a gente não tinha pensado..e de repente mostrar uma outra relação  
 73 **Dr. OSVALDO:** hum..hum..é  
 74 **TÂNIA:** que não essa médico-paciente ou mostrar essa relação de você que na verdade é médico de todos eles=  
 76 **Dr. OSVALDO:** =é  
 77 **TÂNIA:** indiretamente, né? de alguma forma  
 78 **Dr. OSVALDO:** hum..hum  
 79 **TÂNIA:** tá, então tá bom..é isso. Obrigada, Oswaldo.

## Entrevista de Pesquisa 2

- 1 **Dr. OSVALDO:** Eu não sei...algumas razões em primeiro lugar eu não me lembro se os pacientes sabiam que eu era supervisor da equipe=<sup>87</sup>
- 3 **TÂNIA:** =sabiam=
- 4 **Dr. OSVALDO:** =sabiam?=  
 5 **TÂNIA:** =você até falou “*Tânia, eu gosto de fazer com os méd..com os pacientes das minhas médicas porque de alguma maneira tem..eles me conhecem, eles sabem que eu sou o supervisor delas*”, embora três daqueles...dois daqueles três me vêem agora e nem falam comigo..acho que só o Marcos Eduardo..lembra? Ele falou, ele me cumprimenta e tal, os outros passam por mim e não sabem.. e não me cumprimentam..mas de alguma maneira eu prefiro fazer com esses porque não é uma entrevista simplesmente de demonstração=
- 11 **Dr. OSVALDO:** ah tá..então eles sabiam=
- 12 **TÂNIA:** =sabiam=
- 13 **Dr. OSVALDO:** então acho que o efeito pra eles pode ser esse...de eles acharem que aquilo é uma possibilidade no caso deles ser melhor conhecido pelo professor que orienta os médicos deles. Eu acho que talvez seja o principal efeito=
- 16 **TÂNIA:** =hum..hum=
- 17 **Dr. OSVALDO:** =que o paciente perceba como favorável=
- 18 **TÂNIA:** tá..a outra que eu tinha feito é quais são as suas expectativas é..com a entrevista?..quer dizer você já disse que com elas você consegue esclarecer uma série de coisas e essas informações que eles dão só vão te ajudar no diagnóstico, a ver como é que ele tá desenvolvendo e tal...i..i.. cê tem mais algum tipo de expectativa com a entrevista?
- 22 **Dr. OSVALDO:** não...as expectativas que eu tenho com a entrevista estão todas na verdade contidas dentro disso porque por exemplo uma coisa que a entrevista me ajuda é ver como é que o pac...que tipo de relação que o paciente estabelece com o médico, a posição que ele coloca o médico, que é uma coisa que, em última análise, vai servir para orientar tanto a feitura do diagnóstico quanto a condução do tratamento
- 27 **TÂNIA:** hum..hum
- 28 **Dr. OSVALDO:** então acho que isso agrupa
- 29 **TÂNIA:** hum..hum..e o que que você faz para conseguir é... atingir essas expectativas durante a entrevista? tem alguma coisa...bom pra pra eu ver se o diagnóstico é aquele hipótese mesmo que nós tínhamos=
- 32 **Dr. OSVALDO:** =não aí depende do/da hipótese diagnóstica, aí a linha de investigação vai ser uma ou outra, o tipo de pergunta que vai ser feito, né? mas aí no caso, na medida em que são casos conhecidos a entrevista já vai ter um certo viés, já vai ser conduzida nessa ou naquela direção em função disso: vai depender da hipótese diagnóstica que já existia antes de a entrevista começar...não é... não foi nunca uma entrevista com um paciente de primeira vez quando você estava completamente sem saber por onde ir...foram entrevistas relativamente curtas também né?=  
 38 **TÂNIA:** =foram..e eles também interromperam porque eles iam almoçar..era aquele horário ruim, lembra?
- 40 **Dr. OSVALDO:** é
- 41 **TÂNIA:** bom..... a outra coisa..é..... eu disse assim... é correto afirmar que você privilegia a narrativa durante a entrevista?
- 43 **Dr. OSVALDO:** pois é... é correto, é correto, mas acho que tem que ser lançado como fato de que isso não significa negligenciar comportamento, expressado pela mímica, pelos

---

<sup>87</sup> Em meio a tantas entrevistas, tantos residentes, tantos pacientes, nesse momento, Dr. Osvaldo não lembrava claramente desse “detalhe”.

gestos, o comportamento é... uma outra dimensão que é a dimensão que é essa empática<sup>88</sup> uma coisa mais da fenomenologia<sup>89</sup>, né?

então não é só a narrativa...claro que a narrativa é fundamental, mas dizer que privilegia da narrativa deve ser lançado=

49 **TÂNIA:** =com esse cuidado=

50 **Dr. OSVALDO:** =destacando essas outras dimensões que não são negligenciadas=

51 **TÂNIA:** =hum..hum..e=

52 **Dr. OSVALDO:** =porque a narrativa poderia ser feita pelo médico, p. ex., em relatar o caso..eu acho que a entrevista justamente permite que eu assistindo à narrativa do paciente eu possa ver o que acompanha essa narrativa em termos de mímica, gesto, o tipo de relação, a possibilidade ou não dessa relação empática se estabelecer

56 **TÂNIA:** hum...hum..é...discursivamente como é que isso acontece? se você estivesse privilegiando a narrativa, sei lá, num momento x lá da entrevista, como é que você..você vai fazer isso discursivamente, com um tipo de pergunta que eu acho até que você faz muito que “*como é que foi isso*”, ou então, “*me conta..e a tua infância, como é que foi a tua infância?*” discursivamente é mais ou menos..=

61 **Dr. OSVALDO:** é...e tem coisas que eu peço para, na verdade, eu crio alguns expedientes para o sujeito falar, às vezes, pode ser “*o que você gosta de fazer, o que que você faz no teu tempo livre, o que que você gosta de ver na televisão*”, isso pode fazer o sujeito falar e eu ver, p. ex., que conteúdo aparece, como se organizam os conteúdos, como é que ele organiza as lembranças. então, às vezes, pode ser uma pergunta que seria sobre um aspecto não técnico, não psicopatológico, mas que acaba sendo revelador disso...você tem o caso de “*você ouvi vozes?*”, você criar condições para que o sujeito possa falar ou não sobre isso.

68 **TÂNIA:** e..outra coisa...se ele está construindo essa narrativa, tem algum aspecto que você privilegia mais quando você ouve, você fica mais ATENTO a determinados aspectos da história, e a outros não fica.

71 **Dr. OSVALDO:** olha, eu não sei responder a essa pergunta porque na verdade eu acho bom no caso dessas entrevistas então isso é patente, isso vai ser em função da hipótese que você já traz...talvez esses três casos<sup>90</sup>, como eram casos em que existiam hipótese acerca do problema que estava em questão o que vai ser privilegiado vai ser uma coisa que a gente vai tentando ou confirmar ou refutar essa hipótese...então a gente vai procurando coisas que sirvam para esse propósito..não é uma escuta desinteressada...numa primeira entrevista, poderia a gente poderia acreditar que existiria mais essa abertura de escuta...agora, por outro lado, isso talvez seja um defeito que os clínicos vão adquirindo com a experiência, a gente tende a fazer hipóteses mais cedo durante a entrevista...então, mesmo em uma primeira entrevista, partir de um determinado ponto que é cada vez...mais cedo na entrevista, então a gente já começa a buscar aquilo que possa confirmar ou refutar aquela hipótese que a gente já tá levantando acerca do diagnóstico.

83 **TÂNIA:** é...outra coisa...que momentos são assim durante a entrevista que você acha que são PARTICULARMENTE seus? Por exemplo, eu já ouvi você falar com os ..os seus médicos que...que tem que respeitar o estilo de cada um, não dá muito em outra situação né? mas eu já ouvi você falar...que não dá muito pra dizer como é que é como é que não é porque tem o seu estilo=

88 **Dr. OSVALDO:** hum..hum

89 **TÂNIA:** você faz mais assim, você faz mais ...se a gente pudesse, se você pudesse dizer o que que é assim particularmente seu quando você entrevista?

<sup>88</sup> Empatia é “*a intuição daquilo que se passa no outro, sem, contudo, esquecer-se de si mesmo, pois, nesse caso, tratar-se-ia de identificação. Consiste em captar, com a maior exatidão possível, as referências internas e os comportamentos emocionais de uma outra pessoa e compreendê-los como se fosse essa outra pessoa*” (Doron e Parot, 1978).

<sup>89</sup> Termo criado no séc. XVIII pelo filósofo J.H.Lambert (1728-1777), designando “*o estudo puramente descritivo do fenômeno tal qual este se apresenta à nossa experiência*” (Japiassú e Marcondes, 1991).

<sup>90</sup> Dr. Osvaldo referia-se às três entrevistas que foram filmadas durante a minha pesquisa de campo, embora apenas duas componham os dados desta tese.

- 91 **Dr. OSVALDO:** pergunta difícil (rindo) não sei..acho que não ser diretivo, né? acho que eu não sou diretivo..é... acho que esse/isso que serviu para uma outra pergunta que é de usar esses expedientes indiretos para obter a narrativa do paciente, que tá ligado a não ser diretivo...você oferecer possibilidades de fala que não estejam evidentemente relacionadas a um interesse pra saber, por exemplo, se se sente perseguido, ouve vozes, ou não sai de casa, questões que possam me revelar isso sem que o paciente perceba que é isso que eu tô querendo que ele fale...mas acho que não ser diretivo eu acho que é uma das coisas que eu acho que tem mais ..que é mais particular na forma de fazer. Por exemplo, avaliação de memória eu resisto a fazer aqueles testeinhos=
- 99 **TÂNIA:** =falar as três palavras=
- 100 **Dr. OSVALDO:** =porque eu acho que tem uma série de outras coisas que me dão a mesma informação, né? outras perguntas, a forma como o paciente conta a sua estória passada, ou como ele demonstra ter aprendido o teu nome, o lugar onde ele tá...agora, tem situações onde isso se torna absolutamente indispensável, né, você precisa ter essa informação codificada de acordo com isso=
- 104 **TÂNIA:** hum..hum=
- 105 **Dr. OSVALDO:** =agora, em outras entrevistas eu dispenso...então, essa questão da forma de dirigir a entrevista de acordo com um roteiro muito bem estabelecido, com testes e procedimentos canônicos eu acho que é alguma coisa que eu desprezo
- 108 **TÂNIA:** hum..hum..é... quais os elementos da entrevista que são importantes para a construção do diagnóstico? quer dizer, você já vem com a hipótese, né? há elementos que são importantes na entrevista e outros menos importantes na entrevista que você vai ouvindo mas na verdade vai dispensando?
- 112 **Dr. OSVALDO:** não, eu acho que não porque eu acho que a entrevista já é uma forma de diálogo construída de modo a privilegiar o diagnóstico...então, mesmo se você não é diretivo, você na verdade não tá conversando fiado com o paciente...e uma conversa que é toda ela construída com vistas a estabelecer o diagnóstico e pensar em uma terapêutica inicial...não acho que existam aspectos acessórios
- 117 **TÂNIA:** hum..hum..então eu acho que você já respondeu essa última pergunta que eu tinha feito que é “O que é a entrevista pra você”, então no fundo é isso...é confirmar ou refutar a hipótese e ver a condução do tratamento, né?
- 120 **Dr. OSVALDO:** é
- 121 **TÂNIA:** i...tem alguma coisa que você queria falar sobre a entrevista, alguma coisa..disso tudo que eu já te perguntei...”Tânia. eu acho que um ponto importante que você não pode esquecer..que eu sempre privilegio ou não privilegio”...alguma coisa que você queria COMENTAR sobre a entrevista
- 124 **Dr. OSVALDO:** não, acho que já foi dito. só pra ressaltar eu acho que a entrevista tem que ser uma situação de diálogo onde você favoreça a fala do paciente...acho que=
- 126 **TÂNIA:** = isso é a entrevista pra você, né?
- 127 **Dr. OSVALDO:** é...acho que isso é fundamental...é claro que quando os médicos são novos, eles ficam muito presos aos esquemas e acabam muitas vezes é.. em função disso, dirigindo demais a entrevista ou querendo obedecer a uma ordem, isso acaba interrompendo os pacientes, ou inibindo os pacientes, mas eu acho que na medida em que você vai se soltando um pouco desses esquemas apreendidos, acho que a entrevista é isso você criar condições para que o paciente fale e na fale dele vai tá o material que você precisa...fale e atue num certo sentido, né, por exemplo, aquela moça de hoje da primeira entrevista<sup>91</sup>
- 134 **TÂNIA:** sei sei
- 135 **Dr. OSVALDO:** do ponto de vista da fala, não ia ser muito produtivo a gente ficar com ela a manhã toda..agora, por outro lado, tinha uma série de outras coisas ali que eram absolutamente reveladoras... a forma como ela se dirigia especialmente aos homens, o fato de ela não conseguir ficar sentada, as piadinhas que ela fazia o tempo todo...então, a questão ali não era insistir para que ela contasse a história dela porque isso mesmo que a gente ficasse o dia inteiro talvez a gente não conseguisse. Então, também

<sup>91</sup> Dr. Osvaldo referia-se a uma paciente que foi entrevistada na supervisão daquele dia.

possibilitar né? esses outros aspectos da entrevista por isso que eu digo, não é só a narrativa, também tem essa outra dimensão que é muito importante=

142 **TÂNIA:** =o comportamento não-verbal né? =

143 **D<sup>r</sup>. OSVALDO:** =é...pode ser muito importante.

### Entrevista de Pesquisa 3

- 1 **TÂNIA:** onde e quando você se formou? Que influências teóricas e/ou de profissionais foram mais significativas?
- 3 **Dr. OSVALDO:** eu me formei na UFRJ em oitenta e cinco. É:: influências teóricas foram sobretudo influências fora da, da faculdade.. de pessoas que eu conheci em estágios que eu fiz durante a faculdade que tinham ou uma formação mesmo na prática em psicanálise ou então o que hoje em dia a gente chama de reforma psiquiátrica na época ainda não tinha esse nome mas que estavam militando em instituições públicas, com o objetivo de transformá-las. Foram as principais influências que eu tive.
- 9 **TÂNIA:** e:: qual era o enfoque de tratamento/relacionamento dado aos pacientes?
- 10 **Dr. OSVALDO:** bom, então. Essas experiências foram, sobretudo FOra do, da universidade, é:: enfim teve uma experiência que foi na Colônia Juliano Moreira que era desestímulo grande, pacientes internados há muito anos, ditos crônicos. E começaram-se a se fazer todo um trabalho visando o que hoje já é uma realidade de desinstitucionalização de criação de alternativas para outros tipos de coisas. Então era um trabalho onde algumas categorias da medicina e da psiquiatria tinham uma importância secundária né, era mais até a dimensão social que tinha um peso muito grande, a psiquiatria era um, uma ferramenta a mais né. Outro tipo de estágio que eu fiz mais ou menos na mesma época foi no::: Centro Psiquiátrico Pedro II, Engenho de Dentro, hoje Instituto Nise da Silveira. Foi num ambulatório e tinha também um curso de, um curso teórico que acompanhava o estágio onde eu tive contato com alguns autores que se tornaram importantes como Foucault né, e era um trabalho que era liderado por um grupo de psiquiatras com formação em Psicanálise e onde tinha muita importância o::: discurso do paciente, a relação com o paciente, então era um trabalho psiquiátrico mais aonde essa dimensão era muito presente.
- 24 **TÂNIA:** hum..hum
- 25 **Dr. OSVALDO:** E uma terceira experiência nesse percurso foi::: um:: grupo que começou a se formar em torno, através da iniciativa de um grupo de psicanalistas que atendia na clínica social de Psicanálise, que não existe mais, que era em Copacabana e esses psicanalistas atendiam pacientes psicóticos na clínica social e aí me propuseram a criação de um:: espaço de convivência na época essa coisa de hospital-dia praticamente não existia né ou não existia completamente aqui no Rio então era um grupo que se encontrava aos sábados e que era formado pelos pacientes psicóticos tinha duas psicólogas que faziam uma certa organização, (um banco) de estudante de Medicina que era estagiário dos quais eu fazia parte.
- 33 **TÂNIA:** sei
- 34 **Dr. OSVALDO:** Então era um contato muito próximo com esses pacientes enfim não era uma coisa indiscriminada, tinha uma função ali terapêutica, mas era uma::: relação mais PRÓxima do que a gente habitualmente tem .h no trabalho tradicional com um paciente psiquiátrico em instituição psiquiátrica. É muito mais acessível a experiência do conhecimento de cada um deles.
- 39 **TÂNIA:** Você trabalhou ou trabalha em outras instituições? Quanto tempo em cada uma delas? Quais foram as experiências? Alguma coisa a destacar?
- 41 **Dr. OSVALDO:** no momento eu não trabalho em outras instituições, só trabalho aqui. No meu caminho profissional eu trabalhei::: assim, que eu acho que vale a pena destacar né, eu trabalhei no Hospital Psiquiátrico de Jurujuba, trabalhei no Hospital-dia de Associação Casa Verde que fui um dos fundadores, um dos criadores. É como clínica foi isso e aqui.
- 45 **TÂNIA:** hum..hum

46 **Dr. OSWALDO:** E eu destacaria todos esses trabalhos, bom se eu mencionei porque são os que eu destaco mesmo. Sobretudo Jurujuba foi uma experiência importante foram dois ou três anos depois que eu terminei a residência, quer dizer, foi uma certa continuidade com o que eu fazia na residência, mas também a Jurujuba tinha umas peculiaridades era um hospital psiquiátrico já dentro desse, dessa perspectiva da reforma psiquiátrica também onde existia muitos .h profissionais que tinham formação em Psicanálise ou identificados pela reforma psiquiátrica, também convivendo com outros não em absoluto identificados com esse tipo de coisa mas era um hospital que visava-, que tinha uma perspectiva crítica em relação ao tratamento eu trabalhei no ambulatório da enfermaria. Foi uma experiência boa. Nada demais e no hospital -dia da Associação Casa Verde aí foi uma experiência muito interessante porque o enfim° a gente é que organizava o tratamento, a gente que delineava as propostas de funcionamento da instituição, não era uma instituição de internação, era um hospital-dia trabalhava com pacientes psicóticos.  
.h

59 **TÂNIA:** hum..hum

60 **Dr. OSWALDO:** Enfim, foi um ótimo laboratório de ensaios pra gente pensar soluções alternativas ao longo do tratamento tradicional nos quadros mais graves em psiquiatria.

62 **TÂNIA:** e::: hoje o que vocêalaria sobre essa atuação?

63 **Dr. OSWALDO:** é minha atuação profissional hoje é nesse sentido mais clínico NA instituição mudou muito porque ao contrário dessas experiências anteriores em que eu era (2 seg) é::: tava na linha de frente, na universidade eu fico numa função mais de, de retaguarda eu não sou propriamente a pessoa que tá na linha de frente é um trabalho de formação, de supervisão dos, .h dos médicos residentes eu acho que tem uma importância muito grande porque, enfim, acho que tem até outras pra eu falar sobre isso, mas há uma mudança pelo men- eu não sei se na universidade há uma mudança mesmo. Acho que a universidade sempre teve um pouco esse perfil, mas há uma, um acirramento de determinados tipos de entendimentos aonde várias dimensões foram importantes na minha formação (h), não são privilegiadas eu acho que eu poder tá participando da formação dos, novos psiquiatras e ainda trazendo esse tipo de, de perspectiva é relevante mas realmente a minha atuação profissional hoje em dia é muito mais didática, pedagógica e articulada com a clínica do que CLÍNICA propriamente dita. Clínica eu acabo fazendo mais na clínica particular né.

76 **TÂNIA:** e::: e como você vê as relações entre a pesquisa sobre a interação médico/paciente e a prática profissional?

78 **Dr. OSWALDO:** olha é::: fundamental né porque o que eu acho que mudou é que justamente essa dimensão da relação médico/paciente ela é::: de um conteúdo relativamente menor nos currículos e nos, os conteúdos das disciplinas de formação dos médicos, de uma maneira geral, e do psiquiatras em particular, né. Então eu acho que qualquer pesquisa que possa tá permanentemente chamando a atenção para o aspecto fundamental disso na prática psiquiátrica, é da maior relevância porque se isso não for feito o::: a gente vai o que costuma acontecer hoje em dia os médicos aprendem alguns protocolos diagnósticos e reduzem a sua prática a um diagnóstico mais ou menos bem feito e a prescrição do medicamento. Acho que esse tipo de pesquisa é::: básico pra::: manter o que há de fundamental na prática da medicina em psiquiatria.

88 **TÂNIA:** e::: ao longo dos anos, o que mudou na medicina e na prática da entrevista clínica?

89 **Dr. OSWALDO:** bom, na Medicina não houve nada, não houve nada. Com relação à Psiquiatria o que eu acho que aconteceu é que a Psiquiatria, do ponto de vista da::: clínica de diagnóstico de vinte anos pra cá né, quer dizer eu peguei o comecinho dessa mudança e por isso mesmo que eu ainda tinha influência do período anterior, tem procurado::: se organizar de uma maneira extremamente objetiva, eliminando qualquer dimensão mais subjetiva tanto do clínico quanto do paciente nessa entrevista, né, em função de uma série de re-arranjos ligados às novas classificações surgidas da parte de assistência psiquiátrica americana e a necessidade de fazer diagnósticos mais confiáveis pra ter grupos homogêneos pra pesquisa, sobretudo pesquisa farmacológica.h o que tornou a::: essa prática da

entrevista uma coisa que pode ser bastante estereotipada né não muito diferente da aplicação de entrevistas estruturadas ou semi-estruturadas que têm uma finalidade pra pesquisa, mas que na clínica PERdem né o que há de mais rico na clínica....

101 **TÂNIA:** hum.hum

102 **Dr. OSVALDO:** Então eu acho que isso é uma mudança importante de modo que muita gente nova já encontra isso como um estado de coisas estabelecidas, não tem acesso a outra forma de fazer a informação de que isso pode ser diferente. Então a entrevista tende a produzir quadros muito planos é:: sem profundidade, sem três dimensões, né você pode até obter diagnósticos mais confiáveis no sentido de haver uma concordância maior entre os diferentes examinadores, mas em compensação a riqueza do quadro clínico tende a se perder. Eu acho que essa foi a principal mudança né e que felizmente eu percebo que:: as novas gerações são cada vez mais seduzidas por isso até em função do desenvolvimento muito grande da pesquisa de farmacologia nesse tempo, nesse período que é exatamente o:: talvez o motor inicial nesse tipo de mudança e quem melhor se beneficia desse tipo de prática de entrevista, °desse tipo de pesquisa.

113 **TÂNIA:** a:: a outra, como você vê a prática atual de os pacientes ficarem o menor tempo possível internados? O que isso representa no discurso da Medicina hoje?

115 **Dr. OSVALDO:** bom, essa prática eu acho ela interessante, mas isso de, por exemplo, a questão o ideal não deve ser o paciente ficar o menor tempo internado. O ideal deve ser que ele tenha (h) o melhor tipo de assistência de acordo com as necessidades dele em diferentes momentos da, do seu sofrimento mental. Então o que a gente tinha antes era que pessoas ficavam um tempo indefinido, indeterminado, desnecessário internadas. E a reforma psiquiátrica vai sugerir a criação de instâncias alternativas pra essa internação como os hospitais-dia, oficinas terapêuticas. Então nesse sentido é interessante que a gente possa é:: encurtar esse tempo de internação, mas podendo oferecer algum tipo de assistência mais adequado pra esse tipo de paciente. A questão não é só que tem que ficar pouco tempo internado, a gente sabe que tem circunstância, lugares e (h) proposições em que a curta internação é um bem sim dependente das conseqüências que se podem trazer (h) pro paciente. Qual é o resto da pergunta mesmo?

126 **TÂNIA:** é:: O que isso representa no discurso da Medicina hoje?

127 **Dr. OSVALDO:** isso varia muito, isso varia dependendo do:: do tipo de orientação eu diria teórica mesmo, ideológica com relação à prática da psiquiatria. Então uma pessoa mais identificada com a chamada psiquiatria da reforma, vai valorizar esse tempo curto da internação em função da possibilidade de servir o paciente em outros elementos da rede de assistência, né. Agora uma pessoa mais identificada com a leitura administrativa e economicista vai considerar que é melhor ele ficar menos tempo internado porque isso custa menos, independente do que isso vá acarretar pra ele, porque têm situações que a gente precisa manter o paciente por um período longo internado até porque a gente dispõe infelizmente não só de uma rede de cuidados alternativos em psiquiatria insuficiente mas uma rede de assistência social muito insuficiente. Há pacientes não têm familiares e, quando têm familiares, os familiares não podem (h) é dar conta da presença desse paciente em casa. E então não se trata de ser uma solução de menor custo pro estado ou pro hospital a internação ser curta. Sempre tem de se pensar se isso é o melhor ou o pior pro paciente. Então acho que vai depender (h) do ponto de vista do qual FALA sobre isso o profissional, em Psiquiatria e em Saúde Mental, a Medicina não sei como é que é isso, que essa maior ou menor duração da internação vai ser avaliada.

143 **TÂNIA:** é:: Como você vê as histórias que os pacientes contam? São histórias congeladas?

144 **Dr. OSVALDO:** não, não acho que não. Acho que sempre há alguma coisa mesmo que tenha obviamente elementos ou alguma coisa que ele já ouviu como tudo o que a gente fala na vida, né eu acho que são histórias que dizem respeito a, a cada um daqueles sujeitos em particular, nas suas singularidades de vida, nas histórias de vida de

cada um<sup>92</sup>, >enfim<, eu acho que isso é uma diferença que pode fazer uma perspectiva de fazer entrevista mais orientada pra uma informação, ou pelo menos, orientada em algum grau com informações da Psicanálise e uma entrevista em absoluto orientada por isso porque, no primeiro caso, essas histórias nunca vão ser::: meras é:: aberrações do pensamento ou da inteligência, vão sempre fazer algum sentido dentro da dinâmica psíquica de cada um daqueles sujeitos. Então eu acho que mesmo que possa ser alguma coisa que ele componha com elementos de algo que ele já viu, isso vai ter uma significação semiológica, ou se ele compuser completamente se for uma mera reprodução, isso também tem uma importância, ou seja, isso fala alguma coisa daquele sujeito. Então, em última instância, eu acho que o que quer que esse sujeito fala, FAAla alguma coisa a respeito dele. Então eu acho que essa idéia de ser uma .h mera apropriação ou repetição de coisas que ele ouve não, não tem utilidade nenhuma, °eu acho°.

---

<sup>92</sup> “Não importa se as narrativas são imaginárias ou se a audiência é imaginária porque o imaginário não emerge em um vácuo. Realidades imaginárias sustentam relações com um mundo que vai além delas e a narrativa é uma forma de mediação entre a natureza criativa das estórias e a concretude de eventos que, em alguma medida, existem independentemente delas” (p. 147). JOVCHELOVITCH, Sandra (2000) *Representações sociais e esfera pública. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.